

Revista Portuguesa de Educação
Universidade do Minho
rpe@iep.uminho.pt
ISSN (Versión impresa): 0871-9187
PORTUGAL

2002

Maria Helena Camara Bastos

LEITURAS DAS FAMÍLIAS BRASILEIRAS NO SÉCULO XIX: O JORNAL DAS
FAMÍLIAS (1863-1878)

Revista Portuguesa de Educação, año/vol. 15, número 002

Universidade do Minho

Braga, Portugal

pp. 169-214

Leituras das famílias brasileiras no século XIX: O *Jornal das famílias* (1863-1878)¹

Maria Helena Camara Bastos

Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil

Resumo

O estudo analisa o *Jornal de Famílias* (1863-1878), editado pela Garnier, no Brasil. Os periódicos — revistas, jornais, boletins, —, além de serem um produto de consumo, são sobretudo um veículo de idéias e mensagens. Fazer a história deste periódico é também fazer a história da propagação de idéias, de hábitos de leitura, de gostos e de preferências literárias. Através dessa publicação é possível analisar o processo educativo e pedagógico presente em seu *corpus* discursivo. É um *discurso* que permite a formação de outros discursos, enunciados que ecoam e reverberam efeitos no dia-a-dia, na reconstrução cotidiana de laços sociais, na identidade de leitor/leitora, que tecem e homogeneizam a memória de uma época. O que interessa é a historicidade desses processos discursivos destinados a forjar a mulher brasileira, na segunda metade do século XIX. Nessa perspectiva, pretende-se analisar os saberes privilegiados destinados às *famílias brasileiras*.

Introdução

Paris foi definida por Walter Benjamin como a capital do século XIX. Esta definição, para Cristophe Charle (1999), “*remete tanto ao seu papel político na eclosão dos movimentos revolucionários europeus ao seu esplendor intelectual, mensurável através da presença de intelectuais de distintas procedências geográficas*”. Para a intelectualidade brasileira, Paris-França exerce uma imensa atracção como capital cultural, com um significativo *capital simbólico* para a elite da época.

No Brasil, o século XIX pode ser considerado com um século de francofonia por excelência, nesse momento a nossa cultura absorveu tudo ou quase tudo o que se produzia na França. Vários têm sido os estudos sobre aspectos desta influência no Brasil². Frédéric Mauro (1991, p. 229), em seu livro *O Brasil no tempo de D. Pedro II (1831-1889)*, assinala que a Guarda Nacional, a Escola de Minas e o *Jornal das Famílias* são três instituições marcadas pela influência e o prestígio da França, e que também o positivismo de Auguste Comte é marca dessa influência e desse prestígio³.

O presente estudo pretende analisar o *Jornal das Famílias* (1863-1878)⁴, editado pela Garnier. Os periódicos — revistas, jornais, boletins, etc. —, além de serem um produto de consumo, são sobretudo um veículo de idéias e mensagens⁵, um *discurso* que permite a formação de outros discursos, enunciados que ecoam e reverberam efeitos no dia-a-dia, na reconstrução cotidiana de laços sociais, na identidade de leitor/leitora. Portanto, fazer a história deste periódico é também fazer a história da propagação de idéias, de hábitos de leitura, de gostos e de preferências literárias; é analisar o processo educativo e pedagógico presente em seu *corpus* discursivo. O que interessa é a historicidade desses processos discursivos destinados a forjar a mulher brasileira na segunda metade do século XIX. Ou seja, trata-se de pensar como diferentes processos discursivos se relacionam e como atuam na perpetuação e cristalização de determinados sentidos e práticas sociais, como tecem e homogeneizam a memória de uma época. (Orlandi, 1993, p. 11-27). Nesta perspectiva, pretende-se analisar os saberes privilegiados destinados às *famílias brasileiras*, especialmente às mulheres.

No século XIX, Martyn Lyons (1997, p. 365-370) assinala que se dá o acesso à alfabetização de massa, que permitiu o aparecimento de um novo público de leitores — mulheres, crianças e trabalhadores —, consumidores de jornais e romances. Essa expansão do público leitor foi acompanhada, a partir de 1880, pelo desenvolvimento do ensino primário gratuito e obrigatório, na Inglaterra e França⁶. Esse novo público devora romances, em forma de livros ou de folhetins em jornais. Mas também receitas e regras de *savoir-vivre* se encontram em inúmeras revistas femininas, ao lado de páginas consagradas à moda.

A mulher forma uma parte importante e sempre crescente desse novo público de romances. Anne-Marie Chartier (2000) considera que «o século

XIX marca a entrada social das mulheres na cultura escrita. As cenas de leitura colocam cada vez mais a mulher em destaque, seja como leitora de romances, seja como educadora de seus filhos. (...) As mulheres lêem silenciosamente pelo prazer pessoal, mas também em voz alta para os filhos e familiares, compartilhando a nova concepção de leitura — «laica» e intrusiva, mas também educativa, moralizante ou sentimental».

No Brasil, na segunda metade do século XIX, há também um crescimento do número de escolas femininas e, em geral, um aumento das escolas públicas⁷, uma ampliação do mercado editorial de livros e periódicos⁸, de gabinetes de leitura e bibliotecas⁹, e de público-leitor feminino e masculino¹⁰. No entanto, o hábito da leitura e o acesso ao livro ainda é restrito a um pequeno segmento abastado da sociedade: o público leitor é composto pela burguesia e aristocracia, mas há um recrutamento de novos leitores que provêm da pequena burguesia urbana. Esse grupo é bastante reduzido se considerarmos que a população brasileira, na década de 1870, é de 4 milhões de habitantes, sendo que apenas 550 mil — menos de 14% — estavam alfabetizados. Maria Arisnete de Moraes (1998) assinala as observações de Elizabeth Agassiz, em 1865, sobre o facto de às mulheres «o mundo dos livros lhe está fechado, pois é reduzido o número de obras portuguesas que lhes permitem ler», e a raridade de encontrar livros nas residências brasileiras. Nesse momento insere-se o *Jornal das Famílias*, ampliando os espaços de leitura na sociedade brasileira.

Baptiste Louis Garnier — editor-proprietário¹¹

A vinda de B. L. Garnier ao Brasil insere-se na expansão do mercado editorial no século XIX, especialmente o francês. O domínio cultural da França proporcionou aos seus editores oportunidades comerciais em muitos mercados estrangeiros — «O Brasil oferecia perspectivas particularmente atraentes. Tendo conquistado as vantagens econômicas da Independência sem prejuízo de sua continuidade política, proporcionava os requisitos de estabilidade e prosperidade, somados a uma receptividade excepcional a todos os adornos da cultura francesa. No fervor de seu nacionalismo recém-descoberto, o Brasil passou a responsabilizar a herança portuguesa pelo atraso nacional e a identificar tudo o que era francês como moderno e progressista.

A Garnier Frères esteve no Brasil de 1844 a 1934, e influencia o mercado editorial — no campo das ideias, dos impressos em geral e nas técnicas de impressão¹². A história dessa empresa inicia-se quando os irmãos Auguste e Hippolyte abrem uma livraria-editora em 1833, em Paris, no Palais Royal¹³. Inicialmente, especializam-se em *literatura leve, reimpressões baratas, política do momento, dicionários e clássicos da literatura francesa*. Baptiste Louis, depois de trabalhar com os irmãos, decide em 1844 «transferir-se para o Brasil, pensando com razão que num país novo e cheio de ambição haveria lugar propício para o desenvolvimento dessa especialidade comercial»¹⁴. Em 1846, abre no Rio de Janeiro uma filial, que se instala na rua do Ouvidor 69 até 1878, quando se muda para o número 71. Utiliza o nome *Garnier Irmãos* até 1852. A partir desta data, adota a denominação *B. L. Garnier*, juntamente com *Garnier Irmãos*. De 1864 em diante, adota somente *B. L. Garnier*, o que significa o rompimento final com seus irmãos.

Garnier inicia como livreiro, mas também negocea *com artigos de papelaria e com uma miscelânea de artigos importados*. A edição de livros iniciou-se de forma moderada; somente na década de 60, ocorre em larga escala. Parece ter sido o primeiro editor brasileiro a encarar a impressão e a edição como actividades completamente separadas, ou seja, durante muitos anos mandou imprimir suas publicações em Paris, *particularmente depois da introdução dos navios a vapor nas rotas do Atlântico Sul (1851), o que significou uma margem de segurança no tocante a prazos de entrega*. Para Hallewel (1985), «a preferência pela impressão feita em Paris devia-se, em parte, à origem da firma, embora a partir de 1864 B. L. Garnier utilizasse freqüentemente tipografias que não estavam ligadas ao estabelecimento dos irmãos. O apelo snob exercido por tudo que fosse francês era também um factor importante, especialmente no caso dos livros mais caros, aos quais se podia somar o atractivo adicional de uma encadernação francesa. A razão básica da preferência pela impressão europeia era de natureza econômica». No entanto, no começo da década de 70, Garnier instala, por algum tempo, sua própria tipografia, chamada de *Tipografia franco-americana*.

Em 1859, B. L. Garnier inicia uma publicação quinzenal ilustrada — *Revista Popular*. Para Frédéric Mauro (1991, p. 223), o carácter um pouco austero, demasiado intelectual do periódico não garantiu muito sucesso,

deixou de ser publicada depois de quatro anos. No entanto, sua regularidade e boa receptividade pelo público-leitor motivou B. L. Garnier, seis meses após, em 1863, a editar outro periódico — o *Jornal das famílias*, totalmente impresso em Paris. Para tal, manteve permanentemente em Paris um leitor de provas em português — função exercida por algum tempo pelo jornalista republicano José Lopes da Silva Trovão.

Muitos dos romances impressos pela Garnier eram reimpressões de folhetins publicados em revistas e jornais, o que envolvia às vezes uma nova composição, como ocorreu com o livro de Machado de Assis *Histórias da Meia-Noite* (1873), depois de ter sido publicado no *Jornal das famílias*, durante os anos de 1870-73.

Para Hallewel (1985), inúmeros factores ajudam a explicar o êxito de Garnier no Brasil. O país gozava de prosperidade e estabilidade política; o público-leitor expandia-se com o desenvolvimento da economia a partir de 1850; o público-leitor de romances aumentava, e era neste campo da ficção — nacional e estrangeira — que Garnier dominava o mercado editorial.

Após 1839, o Brasil, imitando a França¹⁵, adopta a estratégia do *roman-feuilleton*¹⁶. O pioneiro nas traduções foi Justiniano José da Rocha¹⁷ — professor, jornalista e representante do Partido Conservador —, que faz as versões brasileiras de *Mistérios de Paris*, *O Conde de Monte Cristo*. Embora a grande maioria dos *romans-feuilletons* brasileiros fosse constituída por traduções, foi um importante veículo para o talento literário. Entre os primeiros folhetinistas brasileiros encontram-se Justiniano José da Rocha, Martins Pena, Gonçalves de Magalhães, os historiadores Varnhagen e Pereira da Silva. A grande moda deste género não ultrapassou o século XIX¹⁸, e seu declínio já era evidente em 1885, quando os jornais começaram a perceber que relatar crimes de forma sensacionalista constituía um incentivo ainda mais eficaz para aumentar a circulação.

A publicação dos romances de folhetim sob forma de livro era um bom negócio editorial, que os franceses dominaram rapidamente. Para Ann-Marie Thiesse (1984, p. 85), «a publicação de um romance em folhetim constitui um banco de ensaio e uma publicidade para a obra, quando editada em livro». No Brasil, só a partir da década de 1860, tem início uma ampla produção de romances na forma de livro, principalmente quando B. L. Garnier começa a publicar obras de ficção — era um dos maiores editores de livros brasileiros

de ficção —, pois não havia um romancista de importância que não tivesse sua obra publicada por ele. Seu interesse pode ter sido estimulado, entre os compradores brasileiros de livros, por uma nova moda que consistia em ter colecções de seus autores favoritos, o que pode explicar a predilecção de Garnier por edições uniformes das *obras* de um autor.

No conjunto, B. L. Garnier publica 655 títulos de autores brasileiros no período activo de 1860-1890. Machado de Assis foi, sem sombra de dúvida, o autor que mais longa ligação teve com Garnier — publicou sua primeira manifestação literária *Chrysalidas* em 1864. Quanto às traduções em sua maioria francesas, eram constituídas por romances populares — Dumas, Vitor Hugo, Montepin, Octave Feuillet, Arsène Houssaye, Émile Gaboriau e Júlio Verne (o que mais vendia). Essas traduções compunham duas colecções *Biblioteca Universal* e a *Biblioteca de Algibeira*¹⁹. Também foi uma importante editora de poesia, de *compêndios para a instrução pública*²⁰, e de revistas — *Revista Popular* (1859-1862), *Jornal das Famílias* (1863-1878). A publicação desses periódicos permitia a ampla divulgação dos escritores publicados pela Garnier, funcionando como uma propaganda do autor e estimulando a compra de suas publicações.

B. L. Garnier falece em 1893. Após o inventário, a firma passa para seu irmão Hippolyte, que residia em Paris, voltando à sua condição original de filial do Rio de Janeiro da Garnier Frères²¹.

Jornal das Famílias. Revista dedicada aos interesses domésticos das famílias brasileiras (1863-1878)

A história da publicação do *Jornal das famílias* começa com a *Revista Popular*, editada pela Garnier de 1859 a 1862²². A *Revista Popular* era quinzenal e impressa no Brasil por Pinheiro & Cia. Era vendida pelo sistema de assinatura e distribuída nas grandes cidades do Brasil, em Lisboa e em Paris. Era um jornal ilustrado, dedicado às letras, às ciências e às artes²³. Tinha objectivo educativo e cultural, conforme anunciado no editorial do quarto e último ano de publicação — «*como o nome indica, o objectivo principal é a instrução do povo, e que, para a nossa população tão atrasada, era um necessidade*». Essa publicação atinge uma parcela muito diminuta da população brasileira, se considerarmos que na primeira pesquisa oficial sobre

o grau de alfabetização no Brasil, realizada em 1872, apenas um quinto da população livre era apta para ler²⁴.

A redação do *Jornal das Famílias*, no primeiro número de janeiro de 1863, assim se refere à experiência anterior — «o benigno acolhimento com que foi sempre recebida, durante cinco anos completos, a *Revista Popular*, já pelo público desta Corte, já pelo das demais províncias do império, é credor da cordial gratidão que, com prazer, lhe tributamos. Ao seu auxílio devemos certamente a coragem com que encaramos todas as dificuldades que apareceriam contra o bom desempenho do nosso cargo. Os nossos leitores sabem que, bem ou mal, não comprometemos uma só vez a pontualidade da revista».

E sobre a nova iniciativa, afirma — «Hoje, mais corajosos do que antes, convencidos de que auxílio não nos abandonará, e por isso mesmo que desejamos correspondê-lo, de algum modo mais plausível, resolvemos sob o novo título de *Jornal das famílias*, melhorar nossa publicação». Para o editor, o aperfeiçoamento da revista reside no facto de ser agora «mais exclusivamente dedicada aos interesses domésticos das famílias brasileiras». Por causa disso, assinala que «mais do que nunca dobraremos os nossos zelos na escolha dos artigos que havemos de publicar, preferindo sempre os que mais importarem ao país, à economia doméstica, à instrução moral e recreativa, à higiene, numa palavra, ao recreio e utilidades das famílias»; e informa que a publicação é mensal, impressa totalmente em Paris, e fornece aos assinantes «literatura amena; algumas ilustrações; muitas gravuras; desenhos à aquarela coloridos; moldes de trabalhos de croché, bordados, lã, tapeçaria; figurinos de modas; peças de música inéditas; para o qual tem contratado naquela capital os melhores artistas»²⁵. A redacção salienta que o *Jornal das famílias* certamente preencherá uma falta, isto é, a ausência de publicações congêneres, em língua portuguesa²⁶.

Com esta intenção, a revista organiza-se em secções que se mantêm praticamente as mesmas ao longo de toda sua existência, conforme Quadro 1, o que nos permite configurar um perfil do periódico. A secção *romances e novelas* e a secção *poesias*, presentes em todos os números, concentram o maior número de páginas do periódico, rivalizando unicamente com a secção *modas e trabalhos*, com os anexos, que também ocupam um número significativo de páginas, decorrente dos textos explicativos dos moldes, dos

figurinos, dos trabalhos manuais de crochê, tricô, bordado, tapeçaria, pintura, e de partituras musicais²⁷. Outras seções permanentes são *mosaicos/anedotas* e *economia doméstica*, sob a responsabilidade de Paulina Philadélphia, na maioria dos números. Além dessas seções, encontram-se outras que foram mais esporádicas: literatura, história, bibliografia, viagens, agricultura/floricultura, medicina doméstica/popular.

Em janeiro de 1864, a redação comunica-se com seus leitores, agora caracterizados como *as nossas leitoras*, quando afirma o público feminino como seu principal destinatário e faz um balanço do primeiro ano de edição: «*Um ano. A imitação desses astros que giram no espaço, também fizemos nosso giro, também nos atiramos no espaço sem limites do pensamento. (...) Envidamos todos os esforços, não nos poupamos a despesas e sacrifícios, afim de dar aos leitores, e sobretudo às gentis leitoras que se dignam dispensar conosco algumas horas e lançar os olhos às páginas que escrevemos, um volume nítido, variado, elegante, digno de ornar, pela amenidade de seus artigos, pela perfeição de seus desenhos, pelo fino de suas gravuras, pela delicadeza de sua impressão, as estantes dos literatos, os gabinetes dos artistas, e o perfumado camarim de nossas amáveis leitoras. Que cumprimos a missão a que nos comprometemos, prova-o o acolhimento em extremo lisongeiro que recebemos do público, acolhimento que, a continuar, como esperamos, nos permitirá a realização de diversos melhoramentos que temos em mente, já na parte material, já na parte literária ou intelectual. Agradecemos também aos hábeis e amenos literatos...».*

Quadro 1 - Seções e número de textos em cada uma (1863-1878)

ÍNDICE/ANO	1863	1864	1865	1866	1867	1868	1869	1870	1871	1872	1873	1874	1875	1876	1877	1878	Total
Romances/novelas	22	20	22	26	25	24	18	21	11	26	31	36	36	38	36	43	415
Literatura	1																1
História	3	5	2	4	2	1			1				3				21
Bibliografia	1	2															3
Viagens	3		5	2													10
Mosaico /Anedotas	30	13	8	19	3	5	8	2	2	3	7	5	6	5	6	7	131
Agricultura /Floricultura	1								3	3							7
Medicina doméstica/popular	2			4		4		2		1		2	1				16
Economia doméstica			10		23		17	5	4	5	3	1	6	4			78
Poesias	20	15	14	18	14	17	14	11	4	6	9	11	12	15	12	10	202
Variedades																	
Explicação Modas e Trabalhos *												1		3	6	2	12
Anexos *																	

* Presente em todos os números

** Este tomo não tem índice geral.

*** De abril a setembro a revista não é publicada.

Em fevereiro de 1869, a revista comunica-se novamente com as leitoras; nesse momento, assinala o início do sétimo ano de publicação, fazendo um balanço da revista — «*por esta ocasião permitam VV.Ex., que lhe digamos duas palavras sobre o modo por que temos desempenhado as nossas promessas e esperanças que nutrimos de aperfeiçoar o nosso programa. Graciosos romances têm sido publicados em nossas colunas nos seis anos de existência que já contamos, e parece-nos que nem uma só vez a delicada susceptibilidade de V. Ex. tem sido ofendida. Anedotas espirituais e morais têm por certo causado o prazer que as pessoas de finissima educação experimentam nesse gênero de amena literatura, e mais de uma vez conseguiram dissipar as névoas da melancolia que se haviam acumulado nas belas frentes de nossas leitoras. A economia doméstica, confiada a uma senhora, reúne a utilidade ao prazer, e cremos não enganar-mos supondo que mais de uma receita foi aproveitada com suma vantagem pelas mães de família que nos honram com sua assídua leitura. Empenhamos todos os esforços para que os figurinos e moldes, acompanhados de suas respectivas explicações, estivessem ao par do que de melhor se publica em Paris, onde temos um agente especialmente incumbido deste importantíssimo objeto. Algumas músicas, gravuras, aquarelas vieram enriquecer e ilustrar a nossa publicação*». A seguir, a redação anuncia as novidades que marcarão os próximos números — «*Vencidas as dificuldades, inseparáveis às primeiras tentativas, podemos com segurança e afoiteza dizer que o Jornal das Famílias vai datar seu sétimo ano um progressivo melhoramento. Novos e ativos colaboradores asseguram-nos a publicação de interessantes romances, narrativas de viagens, biografias de senhoras ilustres, episódios de história geral e particular, descrições de cidades, vilas, etc., que tiveram maior importância, artigos sobre a educação de ambos os sexos, etc. Nossa infatigável colaboradora da parte relativa à Economia Doméstica prepara-se para dar ao prelo uma série de receitas e conselhos, fruto da sua mui grande experiência e ilustração. Recomendamos a mais esmerada escolha nas músicas e estampas que deveram ilustrar as nossas colunas*». Estas modificações não alteram o perfil e o objetivo da revista, mantêm-se firme na proposta inicial — *revista dedicada aos interesses domésticos das famílias brasileiras, que não fira susceptibilidades, que reúna utilidade ao prazer, que traga mensagens espirituais e morais.*

É uma publicação mensal, com 32 páginas, impressa totalmente em Paris/França, o que lhe conferia uma qualidade superior aos periódicos editados e impressos no Brasil. Cada tomo anual consta de 12 números, com um total de 384 páginas, com índice — por número e anual, em tamanho 27 x 17 (in-8). Em dezesseis anos de publicações, foram editados 186 números, em 16 tomos, com periodicidade regular em todos estes anos. Há uma interrupção de seis meses, de abril a setembro de 1871, as razões podem ser decorrentes da guerra franco-prussiana, que prejudica a edição de livros e revistas.

A revista é amplamente ilustrada. Ao final de cada história, poesia ou trabalhos manuais, há gravuras ou desenhos ilustrando o tema. A parte relativa a *modas e trabalhos* é apresentada em gravuras coloridas e moldes — em preto e branco e/ou colorido —, que mostram o cuidado na impressão, seguindo a tendência de periódicos similares europeus. Para Mauro (1991, p. 226) «*Os textos dos romances e novelas começavam sempre com a primeira letra em vinheta, o que embelezava a página. Encontravam-se também inúmeras gravuras que, além da função de enriquecer a publicação e conferir-lhe mais elegância, tinha a vantagem de preencher um espaço que de outro modo ficaria vazio quando o texto terminava no alto da página. Só a parte literária, à qual o «Jornal das Famílias» sempre reservou o lugar de honra, era decorada por essas gravuras, e a presença delas dependia sempre do espaço deixado livre pelos textos. Essas gravuras francesas eram mais ou menos adaptadas ao conteúdo do texto, o que mostra que, em Paris, os irmãos Garnier dispunham de um ou vários revisores portugueses ou brasileiros. Essa adaptação nem sempre era muito feliz, pois as gravuras eram escolhidas dentre as que estavam disponíveis, e não compostas especialmente para o texto».*

Não foi possível localizar o número de assinantes, nem saber qual foi a tiragem. O preço da assinatura permanece fixo durante toda a sua publicação²⁸, e o pagamento era feito adiantado pelo período de um ano. Quanto à tiragem, pode-se fazer uma aproximação, a partir da tiragem de outros impressos, por exemplo — *Semana Ilustrada* (1860-), revista semanal, com 2.000 exemplares de oito páginas; *Mequetrefe*, 1200 exemplares; *Mosquito*, 3.200 exemplares; *Vida Fluminense*, 3.800 exemplares²⁹. Sua importância pode ser aquilatada pelo fato de figurar no livro «*L'Empire du*

Brésil à l'Exposition Universelle de 1876 à Philadelphie», como publicação periódica da capital do Império. Outro indicador de sua circulação seria o fato de ser distribuída em várias províncias brasileiras, com as quais mantinha correspondentes: Amparo (SP); Bahia; Barbacena; Campanha; Campinas; Campos; Cantagallo; Ceará; Goiás; Juiz de Fora; Maceió; Macaé; Maranhão; Mogi-mirim (SP); Ouro Preto; Pará (4); Paraíba do Sul; Paraíba do Norte; Pindamonhangaba (SP); Paranaguá; Passo Fundo das Missões do RGS; Pelotas; Pernambuco; Porto Alegre; Rezende (RJ); Rio Grande do Sul³⁰; Santa Catarina; Santos; São Fidelis; São Gabriel; São Paulo; Teresina; Três Corações do Monte Verde; Vila do Rio Bonito (RJ). Além dessa circulação no Brasil, também era distribuída em Portugal, tendo correspondentes em Lisboa; Braga; Porto; e na França, com correspondente em Paris — E. Belhatte.

Não são publicados anúncios na revista, com exceção de um único número, de setembro de 1875, que faz a propaganda do *leite antephelico de Candés*, inventado em 1849 e recomendado pelos médicos Chernoviz e Lartigue (Medicina dos Primeiros Cuidados). São divulgados extratos do catálogo de livros editados por Garnier e dos livros ultimamente chegados à Livraria de B. L. Garnier, na área de literatura, direito e livros didáticos para o ensino primário e secundário³¹. Cabe destacar, no entanto, a ampla divulgação dada às obras do Dr. Pedro Luiz Napoleão Chernoviz (Pierre-Louis-Napoléon Chernoviz) — «Formulário ou Guia Médico», na sua oitava edição revisada; «Dicionário de Medicina Popular»; «História Natural Recreativa»; «Modo de conhecer a idade do cavalo». A revista, na seção *medicina popular* ou *medicina doméstica*, transcreve do *formulário* e do *dicionário* do Dr. Chernoviz, informações às leitoras como agir em situações cotidianas e variadas: linimento contra queimaduras; meio de destruir lagartas; remédios contra as queimaduras; sinais e mordedura de cão danado; açúcar aromatizado e acidulado para bebidas refrigerantes; modo de tirar as nodoas de tinta de escrever; pasta de amêndoas para as mãos; remédio contra a hemorragia do nariz; enjôo do mar; trichina; etc. Em março de 1870, essa seção aparece com o nome de *Adágios higiênicos*. Na seção de *economia doméstica* também aparecem receitas retiradas das obras do Dr. Chernoviz. Essas seções e os temas veiculados têm significativa intenção educativa — «*semelhantes noções não são somente necessárias aos*

médicos; são, sim, indispensáveis para todos, por isso mesmo que todos precisam saber o que é nocivo à saúde» (junho 1868). Mário de Lima-Barbosa (1923, p. 443) assinala Chernoviz como um dos médicos franceses de maior influência sobre o desenvolvimento da medicina no Brasil, influência esta que pode ser aquilada pelas várias edições de suas obras e pela ampla divulgação no *Jornal das famílias*, permitindo um significativo alcance de sua obra, não restrita ao universo médico. Ainda na Primeira República, Mariana Maluf (1995) assinala a presença do livro do Dr. Chernovitz — *Médico das famílias*, entre as famílias abastadas de São Paulo.

O *Jornal das Famílias* segue a tendência da época: era redigido por escritores-jornalistas, que às vezes eram também políticos — todos românticos³². Na contra-capá, encontram-se listados os nomes dos *redatores e colaboradores*, em número de 59, entre 1863 e 1878. Dessa extensa lista, nem todos permaneceram durante todo o período de publicação do periódico. Podemos destacar alguns nomes presentes por um longo período de edição: Dr. Augusto Fausto de Souza; Augusto Emilio Zaluar; Bittencourt Sampaio; Dr. Caetano Alves de Souza Filgueiras; D. Emília Augusta Gomide Penido; Padre Francisco Bernardino de Souza; Honorata Minelvina Carneiro de Mendonça; Cônego Dr. J. C. Fernandes Pinheiro; J. L. Teixeira Macedo; Insulano; Dr. Joaquim Norberto de Souza e Silva; José Nicolau Vergueiro; Dr. José Joaquim Pessanha Pavao; José Marcelino Pereira de Vasconcelos; Juvenal Galeno; Luiz Antonio Burgain; L. G. P. Guimarães Jr.; Machado de Assis; Paulina Philadélphia; Vitoria Colonna. A permanência de muitos dos colaboradores foi um fato importante para garantir a continuidade da revista, mas não significa que todos escreveram no *corpus* da revista. Cabe destaque à presença de nome de políticos e escritores reconhecidos na lista de *redatores e colaboradores*: Alexandre Herculano; Antonio Feliciano de Castilho; Augusto Emilio Zaluar; Francisco Adolpho Varnhagen; Joaquim Manoel de Macedo; Machado de Assis; Manoel de Araújo Porto Alegre; Quintino Bocaiúva; Conselheiro Zacharias Góes e Vasconcelos, José Bonifácio, Senador Gomide, e outros.

Chama a atenção o reduzido número de mulheres como *redatoras e colaboradoras* em um significativo grupo masculino: Paulina Philadélphia, responsável pela seção *economia doméstica* e com participação significativa na seção *mosaico/anedotas*³³; Vitoria Colona; Emília Augusta Gomide

Penido; Honorata Minelvina Carneiro de Mendonça; Ignez d’Horta, Manoela Ignácio Marrocos Mendes. Este número ainda é mais reduzido quando se analisa o número de contribuições femininas no *corpus* do periódico. Assim, por exemplo, na seção *novelas e romances*, entre setenta e um colaboradores, com um total de 252 títulos, encontram-se apenas cinco mulheres com 18 títulos, isto é, 6% e 7% respectivamente das colaborações totais. Na seção *poesias*, em um total de 88 colaboradores com 187 poesias, o grupo feminino é um pouco mais representativo: sete poetisas (8%) com 15 poesias (8%), sendo 9 de uma só autora — Honorata Minelvina. Esses dados permitem-nos afirmar que o periódico, mesmo destinado às mulheres, é dirigido pelos homens, que tomam a si a função de serem os *autores* das mulheres, de interpretar e dar sentido ao feminino, tratando-as de forma estereotipada, a partir de alegorias como Maria e Eva, primavera e inverno.

As colaborações no periódico eram estimuladas pelo editor, que assim se expressava na contra-capa: «*As pessoas que quiserem honrar este jornal com sua colaboração terão a bondade de remeter os seus artigos, em carta fechada, à comissão de Redação do Jornal das Famílias, rua do Ouvidor 69, Livraria B. L. Garnier ou em Paris, rua do Grés, 7. Aceitam-se sobretudo com prazer os artigos instrutivos e que tratarem de economia doméstica, higiene e interesses do Brasil; esses artigos, porém, não poderão mais ser reclamados por seus autores, ainda quando por qualquer motivo deixem de ser publicados. Rogamos encarecidamente às pessoas que nos obsequiarem com artigos que escrevam todas as palavras por extenso; pois, sendo este jornal impresso fora do país, podem as abreviaturas dar lugar a enganos*». Em fevereiro de 1870, na novela «A vida eterna», Camilo da Anunciação também estimula os leitores a publicarem no periódico, através do seguinte diálogo — *por que não escreves o teu sonho para o Jornal das Famílias? Homem, talvez. Pois escreve, que eu mando ao Garnier*.

No *Jornal das Famílias*, a influência francesa é marcante, não só pelo seu conteúdo, mas também por inspirar-se nas revistas editadas na França. Para Mauro (1991, p. 222), no *Jornal das Famílias* “*a influência francesa dominava, pois se inspirava não só nas idéias importadas da França, mas também nas revistas femininas desse país. Imaginemos portanto a moça, a jovem casada ou a mãe de muitos filhos, abrindo uma vez por mês o exemplar que acabou de receber*”. Nesta época, são editadas inúmeras publicações

congêneres, tais como *Le Conseiller des Dames et des Demoiselles* (1847-1892); *Le Magazin des Demoiselles* (1845-1896); *La Famille. Journal Illustrée de la mode et de la vie domestique* (1868-1870); *Journal des Jeunes Filles* (1868-1871); *L'Ami des Dames et Desdemoiselles* (1859-1882); *Musée des Familles*; *Le Moniteur de la Mode*; *Petit Courrier des Dames*; *Journal des Demoiselles et petit courrier des dames* (1833-1922); *La Mode Illustrée*; *Le Moniteur des Dames et des Demoiselles* (1851-1854); *La Mode des Demoiselles* (1845-1848) e tantos outros. A similariedade dessas publicações repousa no seu conteúdo e nos anexos de gravuras de moda, trabalhos de agulha, modelos de pinturas à aquarela e a óleo, partituras musicais, moldes para costura, crochê, tapeçaria, tricô. Todos publicam romances em folhetins, o que garantiu o grande sucesso entre o grupo feminino. A maioria apresenta textos de instrução (história, geografia, belas-artes, literatura, viagens); bibliografia comentada; educação (artigos de vulgarização científica); poesia; higiene e economia doméstica; correspondência (cartas dos leitores); moda e modelos; mosaico, charadas, enigma, jogo de palavras; peças de teatro e de música. Na seção de moda, além dos figurinos coloridos, há uma coluna destinada a explicar as tendências de modelos e cores, a etiqueta do trajar — o que usar em diferentes ocasiões e horas do dia.

Romances e novelas

«graciosos romances têm sido publicados em nossas colunas nos seis anos de existência que já contamos, e parece-nos que nem uma só vez a delicada susceptibilidade de VV.Ex. tem sido ofendida.»

Na proposta editorial do *Jornal das famílias*, romances e novelas ocupam lugar central, destinados especialmente ao público-leitor feminino e visam atingir à sua sensibilidade. Assim, não era esquecido o *código moral preestabelecido que deveria inspirar todos os redatores*.

Para Mauro (1991, p. 227), era necessário que a revista proporcionasse «*uma leitura tranqüila, de pura fantasia, sem nenhum fundamento na realidade; histórias que acontecessem em um mundo convencional em que os despeitos amorosos eram os únicos sofrimentos, onde tudo girava em torno de olhos bonitos, suspiros e confidências trocadas*

entre damas elegantes. Era o triunfo contante do bem sobre o mal, e do amor, contanto que não fosse por interesse. A mulher inconstante e o caçador de dotes eram sempre punidos, e os apaixonados fiéis e sinceros sempre viam a realização do seu amor, sob a forma de casamento». São romances de domínio sentimental, «que todas as moças podem e devem ler», as aventuras históricas, exóticas ou policiais, para os homens.

Os romances permitem a *evasão* total, o sonho multiplicado ao infinito, em mundos diversos. É o mundo da imaginação, onde se refugiam as mulheres. Visando atingir estes sentimentos, os editores utilizam-se de palavras para descrevê-los e propagandear-los — apaixonante, envolvente, emocionante, cativante —, termos que se referem a uma psicologia de sentimentos simples, violentos e irracionais, em que as sensações do coração se manifestam nas atitudes do corpo. Além disso, se utilizam de títulos que evocam um personagem — herói ou heroína —, próximo ao universo social e cultural da leitora para permitir sua maior identificação; de títulos que podem indicar se o romance é fácil, acessível à leitura; de títulos que apresentam uma espécie de código socialmente significativo, como adultério, amor (muitas vezes como sinônimo de martírio), vingança.

Para Martyn Lyons (1997, p. 372), apesar de as mulheres não lerem só romances, os editores pensam que o que lhes agrada são os romances populares e sentimentais. Essa feminização dos leitores de romance confirma os julgamentos dominantes sobre o papel da mulher e sobre sua inteligência: se os romances são considerados literatura de mulheres, é porque vêm nelas criaturas dotadas de imaginação, com capacidades intelectuais limitadas, por sua vez frívolas e prisioneiras de seus sentimentos. O romance é a antítese da literatura instrutiva. Exige pouca compreensão e seu objetivo é o de distrair e entrete-las nas horas vagas. Sobretudo, o romance pertence ao reino do imaginário. Os jornais, os acontecimentos públicos estão reservados aos homens; os romances, que tratam da vida interior, pertencem à esfera do privado a que os burgueses do século XIX estavam relegados.

Também Anne-Marie Thiesse (1984, pp. 20-25) considera que «o periódico não se apresenta como um conjunto uniforme, mas como um espaço sexualmente dividido, onde cada seção, segundo sua analogia com a vida privada, é destinada à leitura feminina ou masculina. Um lugar domina por excelência a leitura feminina — o romance em folhetim: romance em

episódios que introduzem a ficção literária na leitura diária. O fato de ser em pequenas partes facilita a leitura para a mulher, que pode realizá-la entre uma atividade e outra no âmbito doméstico. (...) O almanaque, compilação heteróclita de informações de meteorologia, de receitas práticas, de historinhas e de boas palavras, tem um lugar especial no interior rural, mas não na população urbana que prefere o «jornal romance». (...) O romance folhetim, inicialmente, destinava-se as classes de mais posses. Inicia junto com a imprensa moderna, adotando o sistema de assinatura e com publicidade».

Vários fatores permitem a difusão e o sucesso da ficção de forma romanesca, principalmente no público feminino: progresso da alfabetização, os gabinetes de leitura, técnicas de impressão que diminuíram o preço do livro, o sistema de assinaturas, desenvolvimento da imprensa periódica, a criação do romance-folhetim, e, mais de que todas as outras, profunda modificação das mentalidades, traumatizadas pelas perturbações políticas e pelas guerras do fim do século XVIII e início do XIX, que levam as mulheres a procurar refúgio em um mundo imaginário.

Nessa seção, dos setenta e um colaboradores, dez não têm identificação e quinze usam pseudônimo³⁴. Destaca-se a participação significativa de Machado de Assis, que escreve, de 1864 a 1878, vinte contos, novelas, romances, em um total de cinquenta números do periódico, tendo em vista que muitos destes escritos aparecem em vários capítulos — os mais longos, em quatro partes — *Questão de Vaidade* (1864 e 1865) e *Encher o tempo* (1876). Também contribui com a seção de *poesias*, com cinco participações. (quadro 3 e 4, anexo). Consta que, em um único número do *Jornal das Famílias*, chegou a publicar quatro contos sob pseudônimos diferentes³⁵. Para Frédéric Mauro (1991, p. 227), a *apoteose da sua colaboração foi a publicação, pela Garnier, em 1869, dos «Contos fluminenses», coletânea de alguns dos contos publicados no Jornal das famílias*. Às leitoras, ler Machado de Assis era conhecer, de forma muitas vezes cínicas, os códigos morais e sociais que dirigiam as relações homem-mulher na época. Isto é, a ética que guiava as relações de amizade, amor, ódio sintetizava um código de civilidade que deveria dirigir as relações tanto na cidade como no campo.

Na perspectiva de que a leitura destes romances e novelas tinham uma função educativa, quais as práticas que procuravam impetrar em suas

leitoras?³⁶ Por exemplo, há referência constante a um código de civilidade. No conto fantástico «O Anjo das Donzelas» (set. e out. de 1864), o autor Max inicia com a seguinte observação ao leitor — «*Cuidado leitor, vamos entrar na alcova de uma donzela. A esta notícia o leitor estremece e hesita. É naturalmente um homem de bons costumes, acata as famílias e preza as leis do decoro público e privado. É também provável que já tenha deparado com alguns escritos, destes que levam aos papéis públicos certas teorias e tendências que melhor fora nunca tivessem saído da cabeça de quem as concebeu e proclamou. Hesita e interroga a consciência se deve ou não continuar a ler as minhas páginas, e talvez resolva não prosseguir... Descanse, leitor, não verá neste episódio fantástico nada do que se não pode ver à luz pública. Eu também acato a família e respeito o decoro. Sou incapaz de cometer uma ação má, que tanto importa delinear uma cena opu aplicar uma teoria contra a qual proteste a moralidade*». Esse texto, instruía e disciplinava o leitor — um homem de bem não deveria entrar no quarto de uma donzela.

O casamento é um tema e uma referência constante. A idade do casamento é uma recorrência, referenciando uma faixa etária considerada ideal — entre 18 e 25 anos. Mas também relativizava aquelas mulheres que não se enquadravam no modelo: *trinta e três, já não é uma idade de Julieta, mas era uma idade ainda poética*. Além disso, o casamento por amor é estimulado. A novela «Um casamento de tirar o chapéu» (jan., fev. e mar. 1867), de A. F., finaliza com o seguinte conselho às leitoras *indulgentes* — «*é preceito muito citado do velho Horácio, que nos escritos se deve misturar o útil ao agradável. Foi esse preceito que tive em vista, escrevendo esta pequena história, onde, debaixo de uma forma agradável, se vê a infelicidade que pode resultar de fazer-se um casamento cujos contraentes são levados por um sentimento diverso da inclinação mutua que deve presidir a esse santo sacramento*». Na novela «Qual dos dois?» (set. a dez. 1872), o autor J. J. aborda o tema: «*Minha senhora. A singularidade da nossa situação só pode ter uma solução singular. Convidado a casar por uma moça bonita, prendada, que a todos os respeitos, é a ambição de um homem, é singular que esse homem, não tendo outros compromissos, recuse o convite. (...) porque casar sem amor é desgraçar uma senhora*». Victoria Colonna, em «Os Casamentos de hoje» (jun. 1875), fala sobre as causas do casamentos mal sucedidos e

sugere que deveria haver amor, harmonia nas idades e na educação; não deveria unir inteligência à imbecilidade, a virtude ao vício, a saúde à enfermidade. Termina aconselhando os pais *“que eduquem suas filhas mais amigas do trabalho e da virtude que do luxo, assim como a seus filhos, e a procederem de modo que possam servirem-lhes de exemplo; a tenderem cuidadosamente ao gênero de pessoas que admitem em sua intimidade para evitarem o perigo de uma inclinação inconveniente e a abjurarem a falsa idéia em que estão de que na riqueza se encerram todos os elementos necessários à verdadeira felicidade doméstica”*. Outras novelas tiveram por tema o casamento — «A melhor das noivas», de Victor de Paula; «O casamento e a mortalha, no céu se talha», de Ernesto Castro.

O papel da leitura no cotidiano privado e público do leitor é uma referência constante, não só pelo conteúdo da revista em si, mas também pelas ilustrações que evocam atos de leitura, em diferentes situações — em família, no sala, no campo, junto à escrivaninha, sozinhas — que aparecem tanto nas finalizações dos textos como na seção modas e trabalhos, compondo o cenário dos figurinos apresentados. Para Martine Poulain (1990), esta representação do livro e/ou do ato da leitura em revistas femininas é como «natureza morta» ou como «matéria», como um signo de saber intelectual ou de poder social, em uma sociedade que precisava ser estimulada ou incentivada para a incorporação desse *habitus*. Cabe referir que há muito mais ilustrações representando a prática da leitura do que representando a prática da escrita, o que nos permite pensar que esta era ainda uma área interdita ou pouco estimulada às mulheres; pois, enquanto a leitura tem uma função formativa, socializadora, a escrita permite a emancipação individual³⁷.

Os textos também fazem inúmeras referências ao acto da leitura. A questão dos benefícios ou não da leitura feminina estão presentes em vários momentos. Por exemplo, em «O Anjo das Donzela», o autor faz referência ao perigo que a leitura de romances e novelas pode trazer à «fraca» maturidade feminina *«(...) Veja o leitor se a moça que ali se acha no leito, com o corpo meio inclinado, um braço nu escapando-se do alvo lençol..... Lê, como disse, um livro, um romance, e apesar da hora adiantada, onze e meia, ela parece estar disposta a não dormir sem saber quem casou e quem morreu. (...) Cecília lê um romance, é o centéssimo que lê depois que saiu do colégio, e*

não saiu há muito tempo. Tem quinze anos. Quinze anos ! é a idade das primeiras palpitações, a idade dos sonhos, a idade das ilusões amorosas, a idade de Julieta... (...) Que lê ela? Daqui depende o presente e o futuro. Pode ser uma página da lição, pode ser uma gota de veneno. Quem sabe? Não há ali na porta um index onde se indiquem os livros defesos e lícitos. Tudo entra, bom ou mau, edificante ou corruptor. Paulo, Virginia ou Fanny. Que lê ela neste momento? Não sei. Todavia deve ser interessante o enredo, vivas as paixões, porque a fisionomia traduz de minuto a minuto as impressões aflitivas ou alegres que a leitura lhe vai produzindo. Cecília corre as páginas com verdadeira ânsia, os olhos voam de uma ponta da linha à outra; não lê, devora; faltam só duas folhas, falta uma, falta uma lauda, faltam dez linhas, cinco, uma... acabou. (...) Passou em revista na memória todos os sucessos contidos no livro, reproduziu episódio por episódio, cena por cena, lance por lance. Deu foma, vida, alma, aos heróis do romance, viveu com eles, conversou com eles, sentiu com eles. (...) De há muito tempo que as tragédias do amor a que Célia assistia nos livros causavam-lhe uma angustiosa impressão. (...) só conhecia o amor pelos livros. (...) A cada novela que lia mais lhe cresciam os sustos, e a pobre menina chegou a determinar em seu espírito que nunca exporia o coração a tais catástrofes. (...) Este estrago moral completava-se com a leitura da última novela». Para o autor, as leituras de Cecília incutiram-lhe fantasias funestas, como a de acreditar que o destino intervinha nos movimentos do coração humano. Essa crença realiza-se através de um sonho, em que a personagem faz um pacto com o anjo das donzelas para ficar imune às catástrofes do amor, assim fica protegida, passa a se desinteressar por todos os pretendentes. A história desenrola-se demonstrando ao leitor/leitora a inverdade das crenças fantasiosas de Cecília, que permanece solteira. Lyons (1999, p. 12) relata-nos que «o discurso médico, sobre as mulheres leitoras no século XIX, acreditava que leitura demais, principalmente a de textos românticos, poderia excitar emoções, inspirar fantasias perigosas, ameaçar a estabilidade do casamento e tornar as mulheres estéreis».

Outro exemplo, é encontrado na secção *Mosaico*, com o título «Fragmentos de um livro», escrito por Maria Amália (dez. 1864), que denuncia a perniciosidade de romances da escola moderna de Balzac e de Georges Sand — «Não é debalde que muitas vezes eu tenho erguido nestas páginas

*um protesto solene contra esse gênero de instrução que tanto se vulgariza entre nossas famílias. O romance moderno, o romance dessa escola que se apraz em endossar os vícios e em sustentar como peregrinas as teses mais absurdas, são flagelos que se lançam no seio da sociedade. E de facto, qual o bom senso que não repugna esse realismo de madame Bovary, essa febre de Fernanda, de Dumas; das Cortesãs, de Balzac; de Jacques e Valentina, de Mme Jorge Sand? Eu quizeria que por uma vez se abolissem esses livros perigosos das mãos inexperientes, esses filtros daninhos que tanto corrompem a alma, como corrompem também o coração. Eu poderia demonstrar com fatos quanto mal essa literatura febril das paixões tem causado com seus desregramentos.(...) Felizes todos os romancistas se seguissem a escola romântica do mimoso autor dos Quadros da Natureza». A autora destaca a segura orientação que recebeu do pai, que lhe permitiu muito cedo discriminar entre a boa ou má literatura. Assim, relaciona ao leitor os autores que considera *outros primores da literatura estrangeira* — Mrs. Beecher Stow, Miss Cumming, Mlle Frederica Bremer; e recomenda, *como modelo para todos que prezam a dignidade do talento e desejam encontrar uma opinião abalizada e imparcial sobre a maioria dos romancistas contemporâneos*, o livro de Eugenio Poitou — *Du Roman et du Théâtre contemporains*.*

Os cuidados com a leitura não se destinam exclusivamente ao leitor feminino: também aos homens são indicados os malefícios que o mundo da leitura lhes pode causar. Na novela *Jovens Interessantes* ((jul. 1866), Paulina Philadelphia conclui sua história com a essa preciosa lição dada pelos seus personagens: *“Teodoro explicou-lhe então que a leitura de coisas maravilhosas o fizera anelar por casar-se com uma imortal, mas que hoje conhecia o quanto andara errado, pois a poesia olímpica estava morta e não existiam os deuses com que sonhara. Sua noiva porém insistiu em dizer que ainda havia um Deus cheio de poesia. Perguntando-lhe Teodoro qual era, abaixou os olhos e disse: é o amor”*.

A leitura de *romances e novelas* também (in)formava sobre os costumes vigentes, principalmente aqueles peculiares à vida urbana do Rio de Janeiro. J. J. assim apresenta o cenário de seu romance «Qual dos dois?» (Set. e Out. de 1872): *a rua do Ouvidor «é a gazeta viva do Rio de Janeiro. Ali se fazem planos políticos e candidaturas eleitorais; ali correm as notícias; ali*

se discutem as grandes e pequenas coisas; o artigo de fundo dá o braço à mofina, o anúncio vive em santa paz com o folhetim. Não é de admirar que ali comece este romance...». Quantos aos costumes, retrata as novidades que começam a ser introduzidas na vida da cidade: «Não me perguntas pelo meu marido ? (...) Está na repartição. A primeira coisa em que concordamos, é que eu saísse a passeio quando me parecesse. Eu não sou criança para andar agarrada a meu marido. Na Europa não se usa isso. Demais, tenho toda confiança nele...». Em «Tipos diversos» (abr. 1878), Léo Junius igualmente procura mostrar à leitora as qualidades valorizadas e/ou esperadas na vida em sociedade, esboçando os traços de alguns tipos elegantes e discriminando-os. Com esta intenção, a leitora teria estimulada sua imaginação e conheceria as qualidades que mais lhe aumentaria o brilho social. Os tipos assinalados pelo autor foram «tem um só defeito — é inconstante, nos bailes aprendeu o fingimento; é bonita, seus contornos são perfeitos, mas é tão fria que seu rosto nada exprime».

O destino da mulher como mãe e esposa é recorrente, afirmando as expectativas da sociedade quanto aos papéis femininos. J. J., no romance «Uma águia sem asas» (out. 1872), dá-nos um exemplo significativo: «*quis Deus que ela realizasse seus desejos. Quando morrer não terá página na história; mas o marido poderá escrever-lhe na sepultura — Foi boa esposa e teve muitos filhos*».

A revista procura dar espaço à representação da escrita feminina: as cartas. Em janeiro e fevereiro de 1863, aparece a correspondência trocada entre duas primas distantes. De Paris, Helena escreve à Eulália no Rio de Janeiro, relatando a novidade de que tinha sido *convidada pelo Jornal das Famílias*: «*Minha honrosa e querida prima. Agora que acabo de receber uma amabilíssima carta, assinada pela redação do Jornal das Famílias, na qual sou convidada de um modo lisonjeiro a que não devo resistir, para com minha colaboração honrar (olhe que é ela, a redação, que diz honrar) as colunas deste jornal. Eu não sei se a minha prima sabe calcular os apuros em que põe a gente o amável convite de meia dúzia de literatos que tiveram a generosidade de querer uma desconhecida como eu nas suas fileiras?*». A surpresa da novidade coloca-a em dúvidas sobre o que escrever e sobre a reação paterna: «*Um romance? Depois dos Miseráveis?... Uma poesia? E*

papai?... E papai quando souber que eu tive a loucura de fazer versos, e que cai na doidice de publicá-los sob o título de poesia?».

Então, compartilhando com a leitora suas dúvidas sobre o que escrever, decide escrever cartas, com as quais cumpriria o honroso convite dos redatores de *Jornal das Famílias*. O pai autoriza-a, mas adverte-a de não usar o nome completo, com a seguinte observação — *“Escreve lá quantas cartas quiseres à tua prima; consinto mesmo que mande publicar no Times ou em volumes; proibo-te, porém, que assines o teu nome por inteiro, porque não quero que digam por aí que não tive senso bastante para observar-te que ficas tão abaixo de Sévigné no teu estilo epistolar como eu de Voltaire e a fortaleza da Laje no Rio de Janeiro do Pão de Açúcar*». Fazendo uso das palavras de Samuel Smiles — *O estilo é o homem* —, explicita o seu estilo: *«eu cá prego por minha vez que o meu estilo não é o coração. Por mais funda que seja a minha tristeza em eu escrevendo, parece que estou rindo. Por semelhante fatalidade, caiu a lembrança das páginas tristes no fundo do tinteiro».*

As cartas também servem para fazer a apologia ao país natal — *“deixe-se estar aí, minha prima, no país das flores e das brisas; não se lembre jamais de querer experimentar o doloroso da separação da terra que nos viu nascer. Não imagina, e só por isso é feliz, o que é esse doer, esse carpir do coração com saudades dos seus lares e da sua gente, e nem eu vejo tinta com que possa descrever, e mormente nesta hora em que estou a tiritar até os ossos ao peso do mais vigoroso e antipático inverno de minha vida! Salve o sol do Brasil, Eulália, salve! (...) Diga a esse torrão, tão abençoado pela natureza, tão querido da primavera, que não lhe deseja menos guapo prosperar de que é tão digno,...*». Essa apologia do Brasil tem um princípio moral — *“ninguém sabe do bem que tinha senão depois de perdido”.*

Poesias

Complementando a *educação do espírito* — a formação da sensibilidade feminina —, o periódico traz poesias como parte integrante da educação das virtudes. Foram publicadas em torno de 202 poesias, escritas por 96 poetas; destas, oito não citam o nome do autor. Esse número dá uma média de uma poesia por exemplar editado — alguns números contaram

seguidamente com duas poesias. Os anos de 1871 e 1872 juntos somaram a publicação de só dez poesias. Muito raramente houve o hábito de publicar uma poesia em vários números. Isso somente aconteceu com as contribuições do Dr. J. O. Pinto Mosquera — “Epístola de um estudante mineiro” (em três números), “O regresso e a partida” (em quatro números); e de Hector da Silveira — *Eponina*, poema histórico publicado em três números.

Cabe destacar, em comparação com a secção *romances e novelas*, a presença um pouco mais representativa de colaborações femininas. Em um total de 88 colaboradores com 187 poesias, o grupo feminino está presente com sete poetisas (8,5 %) e 15 poesias (8,5%). J. L. Teixeira de Macedo foi o que mais escreveu poesias no periódico, em um total de onze. Foi seguido por uma representante feminina — Honorata Minelvina Carneiro de Mendonça, com nove³⁸, A. E. Zaluar, com oito, J. Luz, com sete. A grande parte de colaboradores dessa seção publicaram um só poesia. Agnès Thiercé (1999, p. 106) afirma ser a poesia, no século XIX, uma prática de escrita masculina, especialmente dos adolescentes. Enquanto o diário é feminino, privado; a poesia é masculina, pública, afirmando o lugar do homem na sociedade: espaço exterior. A poesia é uma disciplina artística, que visa ser divulgada, componente importante para sua produção — isto é, tornar-se pública. Não só a escrita, mas também a leitura de poesias, especialmente dos poetas românticos — Vitor Hugo, Lamartine, Musset, entre outros —, atraem os homens. Não podemos desconsiderar este facto, quando analisamos esta revista, pois era lida tanto pelos jovens como pelos adultos, de ambos os sexos, das famílias brasileiras. Também nos permite explicar em parte o significativo número de contribuições masculinas nesta secção, especialmente de jovens poetas.

Neste universo poético, há uma homogeneidade de temas que se voltam especialmente para a sensibilidade do leitor/leitora, o “cuidado da alma” feminina, como a saudade, o amor, a beleza, a esperança, a morte, etc. Algumas poesias têm temas históricos ou são voltadas à idolatrar a pátria ou a exaltar regiões brasileiras, como “O Monarca e o povo brasileiro”, “Versos recitados — primeira missa no Brasil, Glória ao Brasil!, Saudades do Pará, O Nordeste, Saudades da minha terra”, etc. As colaborações femininas também seguem esta tendência, não destoando da linha das demais contribuições.

Mosaico e anedotas

«Anedotas espirituais e morais têm por certo causado o prazer que as pessoas de finíssima educação experimentam nesse género de amena literatura, e mais de uma vez conseguiram dissipar as névoas da melancolia que se haviam acumulado nas belas frentes de nossas leitoras» (Jan.1869).

Durante os primeiros quatro anos, esta secção agrupava uma diversidade de temas: conselhos práticos de beleza e de economia doméstica; receitas de remédios; anedotas; máximas; considerações sobre educação, sobre a mulher; exortações morais. Posteriormente, com as secções especiais de economia doméstica e de medicina popular ou doméstica, a secção Mosaico limitou-se às anedotas e aos jogos de salão, sob a responsabilidade de Paulina Philadélfia a partir de 1866. O divertimento dos leitores é o mote desta secção, que também pretende fornecer assuntos e conteúdo para a vida dos salões no Segundo Reinado, como assinala Mauro (1991, p. 227-28).

Inicialmente, é oferecido às leitoras um conjunto de sentenças morais, muitas delas extraídas de livros religiosos. No dois primeiros números de 1863, são transcritos trechos *de um livro religioso e rarissimo — A Nova Floresta*, do padre Manoel Bernardes — artigos, *que, já pelo seu estilo singelo e clássico, já pelo cunho de moralidade em que sobretudo primam, serão certamente bem recebidos pelos nossos leitores*. Por exemplo, «*quatro mães mui formosas parem quatro filhos mui feios. A Verdade pare o Ódio; a Prosperidade Orgulho; a Familiaridade Desprezo; e a Segurança Perigo*»; «*não tens inimigo mais poderoso, mais astuto, mais emperrado, e mais doméstico, do que teu amor próprio. Se queres errar frequentemente, sentença pelo seu voto*».

No terceiro número de 1863, essa secção passa a ser responsabilidade de Jonor Achimbert, trazendo *uma colheita de bons ditos, repentines felizes e pilhérias mais ou menos chistosas*, intitulados *Rio de Janeiro anedótico*. O redactor apresenta a intenção da secção — «*Ora não há povo que não tenha o seu quinhão de espírito, as suas lembranças felizes, os seus ditos agudos, e as suas pilherias cheias de chiste a fazer rir ao homem mais sério deste mundo; uns mais do que outros, mas todos os têm, não há dúvida. (...) É o que justamente nos aconteceria se deixássemos de colher estas anedotas. Nascerão e morrerão entre o povo, sem que ninguém*

soubesse da sua existência. Ora isto não é mais do que a amostra do pano; é um exemplo que a ser seguido viremos a ter boas colecções nesse género...».

Entre as vinte e oito anedotas publicadas, encontram-se cinco sobre educação e escola, que evidenciam a representação destas áreas na sociedade do Rio de Janeiro: *“Uma senhora dirige-se ao director de um colégio muito afamado desta corte: — eu quero, disse ela, que meu filho saiba um pouco de cada coisa: que tenha uma tintura de grego e de latim; uma tintura de geografia e de história; uma tintura de desenho e de música. — Acho razoável, responde-lhe o director; mas aconselho que procure antes um tintureiro, porque eu não me posso encarregar dessas tinturas”; “Por que foi, pergunta um mestre a seu discípulo, por que foi que Isócrates vendeu uma oração por vinte talentos? — Foi, responde o menino, foi por ter mais talento para fazer outras”; “Um Mestre e o correspondente de seu discípulo — O menino é vivo, diz o mestre, ele vai longe. — Qual longe! Exclama o correspondente, se o pai não quer que ele saia do Rio de Janeiro?”.*

Em Junho de 1863, a secção inclui *jogos do espírito* – perguntas e respostas, sob a responsabilidade de Carioquinha, com o objectivo de *«ser útil matar o tempo enquanto o tempo não nos mata, e nesse pressuposto ofereço às dignas leitoras do Jornal das Famílias este inocente passatempo ou entretenimento do espírito. A coisa não é tão insignificante como parecerá a muitos, que não consideram que também se aprende a ter espírito ou antes a fazê-lo, como dizem os franceses, e é lendo estas e outras bagatelas que se chega a tão brilhante resultado. E há tanta gente sem espírito quando a coisa custa tão pouco! Mas vamos às perguntas, que não deixam de ser de algibeira, e as suas respostas, que não podem deixar de ser lógicas, sendo que o número das perguntas coincide com o número de respostas».*

Também traz *Conselhos para a educação*, como, por exemplo, o texto seguinte que aborda o tema das amizades dos filhos, aconselhando aos pais atitudes e cuidados a tomar: *“Dirão por ventura alguns pais: E como podemos nós saber, se nossos filhos têm más companhias, não podendo estar sempre debaixo de nossos olhos que penetrem os íntimos do coração, senão os de Deus? Respondo, que de muitos modos se pode averiguar esta verdade, e atalhar, ou remediar este dano. Primeiro, informem-se por terceira via, de quais são as pessoas com que seus filhos acompanham; e procurem saber,*

que paragens freqüentam, e em que matérias falam: observem se tardam muito em recolher-se para casa; e se se aplicam às tarefas cotidianas, e distribuição das horas costumadas ...” (Jan. 1863).

Além de conselhos de educação, a secção preocupava-se em dar conselhos de como se comportar socialmente. De Agosto de 1863 a Fevereiro de 1864, há uma apologia do falar pouco e sua conveniência social, com a assinatura de Sebastionopolino, com o sugestivo título «*O que não diz a língua e o que não ouvem os ouvidos?* Em um desses artigos, destaca o poder da linguagem simbólica usada pelas mulheres, o uso do leque, para a linguagem expressiva do olhar das mulheres.

A variedade de temas dessa secção incluía conselhos sobre *A arte da beleza*. Em março de 1863, Pauchita Montez escreve um longo artigo (doze páginas), em que resenha e recomenda a leitura da obra da tia e madrinha Lola Montez, nobre condessa de Landsfeldt. Esse livro, para Pauchita Montez, deveria ser lido somente pelas mulheres, pois considera que falar de beleza é um «metier» essencialmente feminino — uma matéria da sua competência — «*a Arte da Beleza se chama essa obra digna de ser ensinada nas escolas primárias do sexo feminino a par da Cartilha do Padre Ignacio, e que eu bem quisera que só de mulheres fosse lida, para que nossos segredos senão divulgassem entre os que não deve aproveitá-los, mas já que é isso impossível, não quero que por causa dos leitores (????) fiquem as amáveis leitoras do Jornal das Famílias privadas das úteis licções que para elas extraio do livro de minha tia. O mais que posso é pedir aos discretos que, se quiserem usar de cortesia, passem adiante estas páginas que lhes não são destinadas*». Com essas palavras iniciais, a autora passa a dar ênfase aos conselhos de beleza, falando diretamente às jovens — «*Minhas meninas! Dificil coisa é dizer no que consiste a beleza.... Para conservá-la bastam três coisas: temperança, exercício e asseio. (...) Quanto ao asseio é coisa absolutamente indispensável, nem há para a beleza da pele melhor cosmético do que banhos mornos, que renovem as impurezas corporais acidentais e fazem desaparecer as obstruções cutâneas, tomando numa casa a banheira tão imprescindível como o espelho*». A autora também destaca a alimentação e os exercícios físicos como fundamentais à beleza — «*outro predicado da mulher, que aspira a passar por formosa e completa, é a elasticidade ou agilidade física que é como a alma das formas belas. Isto adquire-se*

*principalmente pelo exercício, mas há também meios artificiais de dar grande atividade aos membros...». Conclui seu texto com a seguinte afirmação — «se todos os apontamentos, que ofereço aqui às minhas leitoras, poderem conservá-las toda a vida frescas, rosadas e belas como outras tantas auroras austrais, por mui paga me darei do meu trabalho...». Ontem como hoje, a questão da beleza feminina é um tema recorrente em todas as publicações destinadas a este público leitor. A secção *economia doméstica* dará conselhos às mulheres na preparação de cosméticos, cremes para as mãos, perfumes.*

Cabe uma referência especial a dois artigos de apologia à mulher publicados na secção *mosaico*. Em Janeiro de 1863, Nuno Alvares Pereira e Souza³⁹, a partir de uma epígrafe em francês: «*Sans la femme, il faut dire:/ Dans ce monde il n'est rien;/ Tout ce qu'on fait de bien,/C'est elle qui l'inspire*», dá ênfase à imagem mitificada da mulher como santa — «*Se há uma coisa no mundo que deva merecer o culto mais santo e respeitoso do homem, é sem dúvida a mulher. Ela não só é o ente mais puro e o mais nobre criado pela voz poderosa de Deus, como o mais delicado e sensível, e por isso o mais digno da nossa estima e desvelo*». Nesta mesma direcção, M. de Azevedo, em Maio de 1864, reforça mais ainda essa dimensão — «*A mulher é o encanto da vida, a esperança da existência, o anjo da ventura, a divindade do mundo. A mulher é o ente que nós dá as ilusões, a santa que tem por altar o coração de todos; é o anjo que nos faz sonhar na primavera da vida. A mulher torna nossa imaginação viva, o nosso coração puro, a nossa alma cristã; é ela quem guia o homem às ações generosas, o soldado ao heroísmo, o sábio à posteridade, o filósofo a Deus. A mulher é a locomotiva intelectual da natureza*». Neste trabalho de construção positiva do imaginário feminino, o autor traz a ideia de que esta é uma visão progressista, ao contrapor outras formas de ver a mulher — «*(...) Alguns povos embrutecidos no barbarismo e despídos de civilização tem desprezado a mulher... Alguns filósofos têm dito heresias da mulher... Entre os povos cultos a mulher tem toda preponderância, e está representada na família, na sociedade, na literatura, nas artes; por isso tem aparecido uma Staël, Sévigné, Jorge Sand, Girardin e muitas outras. É divina a missão da mulher: nos planta a fé na alma e a virtude no coração. É o primeiro livro santo que o menino estuda: nos conselhos de sua mãe bebe a moral de deus, os princípios da religião*». E o autor conclui esta visão apologética da mulher, afirmando «*(...) compreenda o homem bem a mulher,*

e verá nessa que lhe dá o ser e a vida o ente destinado para lhe dar felicidade, a virtude, a ciência e a glória».

Economia doméstica

«A economia doméstica, confiada a uma senhora, reúne a utilidade ao prazer, e cremos não enganar-mos supondo que mais de uma receita foi aproveitada com suma vantagem pelas mães de família que nos honram com sua assídua leitura»

Essa secção inicia em 1865, sob a responsabilidade de Paulina Philadelphia, único redactor que assina uma secção permanente. Resultado desta assídua colaboração, Paulina Philadelphia publica um livro de receitas, conforme assinala o editorial de 1869 — *«Nossa infatigável colaboradora da parte relativa à Economia Doméstica prepara-se para dar ao prelo uma série de receitas e conselhos, fruto da sua mui grande experiência e ilustração».*

A secção ocupa um espaço reduzido de páginas do periódico, uma ou duas no máximo, e compreende principalmente receitas culinárias, alguns conselhos de primeiros socorros e remédios caseiros, retirados das obras do Dr. Chernoviz; algumas noções de higiene pessoal (receita para polir as unhas e torná-las cor de rosa, pomada para a conservação das unhas, etc.); limpeza do espaço doméstico (meio de lavar rendas pretas, etc.); algumas noções de etiqueta e trato com os empregados domésticos.

Na perspectiva de ensinar os primeiros socorros, por exemplo de queimaduras, a redactora recomenda que *“uma senhora que zela os interesses de sua casa não pode, nem deve, deixar de ir à cozinha; e como esse lugar é muito possível não só queimar-se, como incendiarem-se vestidos, julgamos que nossas leitoras não desgostarão de saber que, se queimarem alguma parte de seu corpo, deverão deitar álcool sobre a queimadura, para mais depressa aliviarem a dor, embora na ocasião pareçassem que a dor aumentada, e se incendiarem-se os vestidos, deverão ser enroladas em cobertores de lã, para tirar todo o ar às chamas”.*

Em Janeiro de 1872 (p. 26), a redactora estimula as leitoras à execução de trabalhos manuais, recomendando a confecção de meias de lã e a compra do livro editado pela Garnier — *“Comprai a lã, molhai-a para que não encolha como já vos expliquei e fazei vós mesmas as meias que tiverdes*

de usar no inverno. Se não sabeis fazer, compre na casa do Sr. Garnier o precioso livro, indispensável à boa dona de casa e mãe de família para ensinar às suas filhas, intitulado: «Leçons de couture, crochet, tricot et frivolités, de Mme. E. Raymond», e nele achareis as explicações necessárias, desde a página 136 até a p. 149. Não riam deste meu conselho, nem pensem que sou alguma velha que veio ao Brasil com D. Maria I. Sou moça, mas conheço que não perde a graça quem se ocupa como nossas avós nos misteres e coisas úteis de uma casa».

Em Setembro de 1867, Paulina Philadelphia faz uma advertência às leitoras quanto às suas responsabilidades como mãe e educadora. Sobre a pronúncia defeituosa dos filhos, afirma que a mesma é causada pela negligência da mãe na higiene pessoal: escovar dentes, cuidar dos dentes, ir ao dentista. Victoria Colonna escreve o artigo «Conselhos. Linhas que as criadas não devem ler» (Nov. 1874), em que ensina as leitoras como tratar os criados — *“Para sermos bem servidos em nossas casas, é mister que as governemos pelo regime parlamentar e não como déspotas absolutas, não admitindo sequer aos criados (como tenho presenciado) o direito de justificar-se”*. O título permite-nos presumir que os empregados também liam o periódico.

Modas e trabalhos

“Empenhamos todos os esforços para que os figurinos e moldes, acompanhados de suas respectivas explicações, estivessem ao par do que de melhor se publica em Paris, onde temos um agente especialmente incumbido deste importantíssimo objecto. Algumas músicas, gravuras, aquarelas vieram enriquecer e ilustrar a nossa publicação”.

Modas e trabalhos apresenta modelos da última moda de Paris, a história dos trajes apresentados, e várias sugestões de trabalhos manuais, de pinturas e partituras musicais. Manteve-se em todos os números publicados, ocupando de 5 a 9 páginas, o que representa em torno de 20% do total de páginas do periódico. Somente em 1871, o suplemento não é publicado nos meses de Abril a Agosto. Para Mauro (1991, p. 226), esse *suplemento prático* era muito importante para a venda da revista, pois atraía um numeroso público feminino, ávido por conhecer as últimas novidades da moda francesa. Nesse momento, a preocupação com a moda expressava uma mudança da

presença da mulher em sociedade, dando-lhe mais visibilidade pública, antes restrita ao âmbito privado. Ela passa a frequentar saraus literários, apresentações teatrais, óperas, operetas, bailes.

Essa secção apresenta a parte ricamente ilustrada do periódico, seguindo uma tendência da época relativa à imprensa destinada às mulheres. Para Watelet (1999, p. 337), a imprensa ilustrada inicia exactamente nas publicações de luxo destinadas ao público feminino, com a reprodução de gravuras de moda. É em 1785, com o periódico *Cabinet des modes*, considerado o primeiro periódico ilustrado francês.

O significado dessa secção pode ser avaliado pela interessante e sugestiva crônica de C. F. — *Um jornal casamenteiro*: «S. Gonçalo de Amarante, como nune tutelar dos casamentos, tem um rival na imprensa: o *Jornal da Famílias*. A seguinte historieta, verídica em todos os pontos, o comprova de maneira incontestável. (...) No dia seguinte ao consórcio, conversavam duas moças, à rua Direita. (...) «Minha cara... o hábito faz o monge. Essa não casou pela carinha, mas pelo vestido». «Como é que se entende isso?». «Muito facilmente. O Paulo viu a Luizinha, na festa e no Te-Deum, com aqueles dois vestidos novos que ela mandou fazer pelos figurinos do *Jornal das Famílias*... não te lembras?». «Sim... o azul e o cor de rosa, de túnica comprida e chatelaines...». «Isso mesmo! Pois bem: viu-a com esses vestidos... apaixonou-se... e estão casados!». «Então foi o *Jornal das Famílias* quem fez o casamento. Está claro (...) Se o Garnier soubesse...». «Não devias dizer o Garnier, mas — se todas as moças soubessem... assinavam o jornal casamenteiro!». «Mas como podem saber?». O folhetinista passava neste momento por meio das duas janelas; cumprimentou ambas as moças e disse-lhes sorrindo: «Eu me encarrego disso!». E cumpriu sua palavra. E a mocinha bonita que quisera casar depressa deixou S. Gonçalo de Amarante, e agarre-se com os figurinos do jornal casamenteiro, o *Jornal das Famílias* do Sr. B. Garnier».

Na contra-capá, onde consta a apresentação e sistema de assinaturas do periódico, é dado grande destaque ao suplemento de modas e trabalhos manuais, com as seguintes palavras — “No fim de um ano, terão os nossos assinantes um elegante volume de 384 páginas de literatura amena, algumas ilustrações, muitas gravuras sobre aço, desenhos à aquarela colorida, ditos de trabalhos de crochê, lã e bordados; moldes de enfeites para senhoras, figurinos e peças de musica inéditas”.

Os modelos apresentados — incluindo cartela de tecidos e cores, desenhos de jóias e acessórios —, destinavam-se às grandes ocasiões (bailes, casamentos, primeira comunhão, teatro, ópera, etc.), e privilegiavam as mulheres e as crianças. Os modelos eram de luxo, da nobreza européia, isto é, destinados a uma clientela rica. As gravuras, assinadas por Paul Lacourrière e Rigolet e impressas em Paris por Falconnier, apresentam grande similaridade de modelos e desenhos com as publicadas nos suplementos dos periódicos franceses. A riqueza dos gráficos de trabalhos manuais — crochê, tapeçaria, bordado, evidencia um cuidado com a produção e estimula os trabalhos femininos, adequando-os às necessidades das leitoras e às exigências da última moda. Cabe assinalar, por outro lado, a função religiosa de muitos destes trabalhos, tanto pelos motivos sugeridos como pela finalidade — ornar altares de igrejas, genuflexórios ou oratórios no espaço doméstico.

A explicação das *estampas* de moldes ou bordados acompanha cada número. Em Janeiro de 1864, a administração da revista assim se dirige às leitoras — *“sempre dirigida pelo desejo de procurar às suas assinantes o que lhes pode agradar, oferece-lhes hoje uma esplêndida gravura de ouro e cores, representando de uma maneira clara e circunstanciada diferentes pequenos trabalhos elegantes que lhe fornecerão lindos modelos para presentes de festa”* (p. 24).

Os moldes/modelos muitas vezes devem ter trazido dúvidas às leitoras quanto à execução. Assim, em Fevereiro de 1866, o *Jornal das Famílias* coloca-se à disposição para resolver esses problemas, através da seguinte nota assinada por H. Gueffier, provavelmente o responsável pela tradução na França — *“Não sabendo nós fazermos os trabalhos que vêm neste jornal e ignorando por conseguinte os termos técnicos neles empregados, os quais não se encontram nos próprios dicionários franceses, pode a nossa tradução dar lugar a muitas dúvidas para as pessoas que quiserem executar os mesmos trabalhos; por isso participamos às nossas assinantes que, com a benévola coadjuvação de uma senhora que sabe fazer todos esses trabalhos, sempre estaremos prontos a dar-lhes as explicações de que carecem”*.

Além disso, a importação da moda francesa traz problemas para a língua portuguesa, como denuncia Sebastianopolino em artigo publicado com o título *O Cache-nez* (Agosto de 1864) — *“Todo mundo ouve falar em cache-*

nez e nem todos sabem o que é ele... Cada moda que vem para nossa terra, cada traste que se importa, cada melhoramento que se adora custa-nos pelo menos um galicismo. Entre nós todos estão habilitados a dar carta de naturalização às palavras estrangeiras, por menos adequadas que sejam ao nosso idioma”.

Gravuras de grandes pintores, na maioria renascentistas italianos também são trazidas à secção com explicações ao leitor. Por exemplo, na gravura *La Donna*, de Ticiano, conta a história da Galeria do Palácio Pitti, em Florença, e da vida do pintor. No número de Fevereiro de 1876, o editor informa uma mudança neste item — *“demos até agora às nossas assinantes, gravuras sobre madeira representando quadros dos grandes pintores: para variar vamos no presente ano oferecer-lhes gravuras de cenas de imaginação ou de família”.* Uma das cenas apresentadas destaca a fraternidade como tema, com a seguinte descrição — *“na primeira uma moça encontra-se com um pobre velho enfraquecido pela fome e pelo cansaço, e lhe oferece alguns alimentos; (...) outra menina mais moça e um grande menino servem de apoio ao pobre velho que com eles vai gozando das belezas do campo e do calor do sol”.* Em agosto de 1870, o editor publica *A Virgem do Concílio*, com as seguintes palavras — *“esta linda cromolitogravura, que foi composta de propósito para as nossas assinantes, servi-lhes há de recordação do memorável ano do Concílio. Esta aquarela lhes será, o esperamos, quanto mais agradável que ela apareceu no mês consagrado à Maria”.*

As partituras musicais publicadas voltam-se para a vida de salão — para serem tocadas, cantadas e dançadas. Algumas também têm destinação religiosa. Assim, por exemplo, as músicas publicadas no tomo III (1865) foram *La danse au chalêt* (quadrilha); *La Cavalcade* (galope); *Carillon*, marcha turca; *Musica sacra* — *inviolata*, *molette à Santissima Virgem*; *Ange Gardien* — valsa para piano; *A flor de ouro*, canção para piano; *Le carmel*, cantata para canto e piano; *Ce que Dieu donne* (música para piano e canto); *Les papillons* (música para canto e piano).

No número de Março de 1874, a secção inclui duas atividades diferentes, assim apresentadas às leitoras — *“um jogo do viajante e um mapa do sistema planetário, que ganhou medalha de prata na Exposição de Economia Doméstica de Paris em 1872 e Medalha de Bronze na Exposição Universal de 1867”.*

Outras secções

Em Janeiro de 1871, é criada a secção *Floricultura*, que é publicada somente em seis números. Essa secção é assinada por um pseudónimo — V. N. B — e nasce com o seguinte objectivo: «*em um jornal dedicado às damas, como o das Famílias, nota-se a grave falta de que entre os artigos que tanto ilustram não haja um que se ocupasse com a floricultura. Nós propomos corrigir essa lacuna, principiando por esboçar o desenvolvimento que a cultura das flores adquiriu no Rio de Janeiro, bem como sua decadência. (...) É nosso propósito combater o estado decadente da floricultura, e regenerar o gosto, se tanto tiver em nossas forças, por meio de uma série de artigos que dedicamos ao cultivo e linguagem das flores, sem que nos importemos com esse impuro vade mecum que por aí corre impresso junto às folhinhas Laemmert. Assim, não deixaremos de chamar a delicada atenção do belo sexo para este assunto, e nos permitirá que com nossos artigos lhes ofereçamos a descrição e cultivo de algumas flores e plantas de ornato ou medicinais para as cultivarem em seus jardins. Nosso empenho é reunir o útil ao agradável*». Os artigos defendem a floricultura como um fazer feminino, estimulando as leitoras a se dedicarem a esta actividade, cuidando do seu jardim, ornando os vasos, conhecendo a linguagem das plantas cientificamente (classificação, linguagem e história). Por exemplo, em Março de 1871, a secção informa que *escreveremos hoje designadamente para o belo sexo, dando-lhes a descrição de uma bela planta, sua significação na linguagem das flores e cultivo*, ou em Fevereiro de 1872 — *com este artigo oferecemos às nossas leitoras o que extraimos da linguagem das flores: alma e sentimento das Flores*.

A função educativa e instrutiva da revista é reforçada em Fevereiro de 1877, quando é incluída a seção *Variedades — Alusões Históricas*, com as seguintes palavras da redactora responsável Brazilia — «*Cremos prestar um serviço às nossas leitoras, dando-lhes aqui, sempre que nos for possível, a explicação de certas alusões históricas ou de certas palavras comumente usadas, cuja origem se prende a factos passados. Abrindo pois esta nova secção no Jornal das Famílias, esperamos que será esse acto considerado como mais uma prova do zelo que a redacção emprega em ser útil e agradável aos assinantes*». Com essa intenção, são explicadas algumas expressões da língua — nó gordio; leito de procusto; bode emissário; fé de carvoeiro; forcas caudinas (sujeitar-se a condições humilhantes); a túnica de

Nessus; o ovo de Colombo; presente grego; a espada de Damocles; cantar a palinódia. Essa secção é também assinada por Benta Pereira, Dr. Moreira de Azevedo, Antonio Gonçalves, José Bonifácio de Andrade Silva. Aborda outros temas como as tradições, lembranças históricas; recomenda a leitura de livros (Memória topográfica e histórica sobre os Campos de Coitacazes; Memórias históricas de Pizarro). Em Janeiro de 1878, é publicada a carta de um pai, que oferta à filha um livro de missa como presente de aniversário, na qual destaca as qualidades esperadas de uma *mulher social*: «*Este modesto presente de anos tem uma dupla missão — por isso que é ao mesmo tempo uma lembrança e um conselho. É um conselho, porque desperta a idéia de oração. É no seio da religião, minha filha, que as almas cristãs se aperfeiçoam, que acham conforto e resignação nos contratempos da vida; é, seguindo os ditames do seu evangelho, que uma moça pode alcançar a virtude, sem a qual a consciência lhe perturbaria a felicidade. (...) Menina ainda, na idade juvenil, a mocidade te abrirá em breve as portas dessa sociedade cercada de seus atraentes encantos e seduções; mas para a qual se deve entrar com os costumes já formados, com o coração já fortalecido pelas máximas da mais sã moral que formam a base de uma educação aperfeiçoada. Quando essa ocasião chegar, filha, não te olvides de que a amabilidade, a delicadeza, a modéstia, a docilidade e a virtude são os primordiais predicados da mulher social*».

De 1863 a 1865, aparece a secção Viagens, com o objectivo de descrever lugares pitorescos do Brasil ou de outros países, e de permitir o estudo de diferentes realidades. A. E. Zaluar inicia essa secção com o relato de um passeio a São Vicente/São Paulo, esperando que os leitores curiosos aprendam *quanto custa fazer uma viagem arqueológica por estas paragens*. Em *Um Casamento na Roça* (Ago. e Set. 1864), Hope pretende estimular o estudo dos costumes locais. Afirma que “*quando chegar o tempo em que a nossa literatura, tão balda atualmente de estímulos, engendrar em uma senda mais desassomburada, estamos convictos que muito partido se deve tirar das cerimônias, dos usos, da originalidade pitoresca do viver íntimo das povoações do interior, assim como do carácter peculiar de seus habitantes, inesgotável manancial dos mais curiosos e singulares contrastes. A capital do Império não oferece coisa alguma que possa surpreender a admiração do estrangeiro. É um arremedo de todas as cidades do mundo...*”, e conclui que

“a sociedade é assim, composta do ridículo e do sublime; mas aceitamo-la com seus instintos naturais, e não queiramos modificar os costumes, reduzindo-nos ao movimento cadenciado dos autômatos nas horas solenes das grandes alegrias da vida, nos dias mais memoráveis da existência. No meio de tudo isto quanto me faz rir e pensar, confesso-o, prefiro a franca jovialidade do roceiro à impertinente etiqueta dos casamentos burgueses de nossas grandes cidades”.

A secção *História*, presente de 1863 a 1868, foi em grande parte escrita pelo Padre Francisco Bernardino de Souza. A ênfase foi dada à história religiosa, abordando sobretudo temas bíblicos: Filha de Jehphté, O festim de Balthazar, A revolta dos anjos, A mulher adúltera, O dedo de Deus, etc. São histórias cheias de exemplos morais e de virtudes, em um passado dramatizado que conjuga a sedução do romance e a aprendizagem da história e da religião.

Algumas secções só aparecem em um ou dois números da revista. Por exemplo, agricultura (Algodão e sua cultura); literatura (Garrett e seu brasileiro); bibliografia (resenha de obras editadas pela Garnier: Pequeno panorama ou descrição dos principais edifícios da cidade do Rio de Janeiro, M. D. Moreira d’Azevedo; Caos do espírito humano, J. G. de Magalhães).

Para concluir

A expansão da imprensa marca a consolidação da sociedade burguesa, graças aos mecanismos difusores da informação — uma forma de comunicação muito antiga, próxima das narrações orais que transmitem a experiência vivida e que passam de pessoa a pessoa. Da mesma forma, a imprensa periódica passa a divulgar muitos os temas até então reservados essencialmente à cultura livresca. Através do folhetim, o romance atinge um público mais amplo e suplanta a influência de outros gêneros e tradições literárias, popularizando a leitura e tornando-a cada vez mais uma atividade cotidiana.

A história da leitura analisa a maneira que os leitores penetram no mundo da cultura escrita. Os *usos sociais da leitura* são múltiplos — didáticos, maiores conhecimentos; leitura de divertimento, evasão no mundo fictício e divertimento no mundo real; imigração mental de um mundo a outro;

identificação do leitor com o mundo do personagem; leitura de evasão que mobiliza experiências emocionais (Mauger, 1999).

Todo romance é uma enciclopédia normativa — relaciona regras, o *savoir-vivre*, com seu aparelho de normas, de princípios, de «maneiras», de sanções, de avaliações mais ou menos codificadas, que são prescritivos ou permissivos, constituindo o material e o sujeito de todo romance. O normativo informa e define cada personagem do romance na sua ação. Assim, o romance legitima a arte de viver proposta como modelo; forma a sensibilidade, o gosto, o julgamento; exercita a imaginação; convida ao sonho, à re-criação, ao reencontro só a só com «grandes obras», à comunhão da alma com a alma «dos grandes escritores» (Hamon, 1997). O leitor comum transforma toda situação romanesca como uma situação sua. Esse tipo de literatura, chamada de literatura feminina, substitui uma sociabilidade de face a face ou de grupo, e permite a construção ou reconstrução identitária, na perspectiva de uma história de gênero.

A leitura transita por diferentes caminhos — do previsível, do imprevisível, do inconsciente, da subjetividade. A leitura é pessoal e social, produz e constrói o leitor. É um processo dinâmico, em que a singularidade de cada um se defronta com o escrito e dá-lhe os significados que mais se adequam à sua história de vida (Ribeiro, 2000). A leitura também deve ser examinada no terreno social onde ela está enraizada: a significação das práticas deve levar em conta o conjunto das condições de existência do grupo social e sua relação com os objetos e as práticas da cultura mais valorizada. (Thiesse, 1984).

A circulação do *Jornal das Famílias*, na segunda metade do século XIX, insere-se nesta perspectiva normativa, com função moral e pedagógica dirigida especialmente às mulheres, ao seu papel na família e na sociedade. Abordando temas moralmente formadores, objetivava propagar e perpetuar a moral, a virtude e a mentalidade vigente e socialmente aceita. O estudo permite entrever o processo de construção do universo feminino/ masculino e das famílias brasileiras em uma sociedade em urbanização crescente, de expansão dos espaços de produção e consumo da cultura impressa, em que códigos morais e de civilidade precisavam impor-se. Através de uma leitura amena e prazerosa educava seus leitores, nos valores de uma sociedade moderna e letrada, tendo como espelho a França. Pode-se afirmar que o

periódico permitia às famílias brasileiras respirarem ares análogos aos que corriam na França neste momento, principalmente através da seção modas e trabalhos, grande atrativo às leitoras.

Há tantas leituras possíveis quantos foram os leitores dessa revista, ontem como hoje. Espera-se que este estudo incite outras pesquisas pelos impressos que compuseram o mundo da leitura no Brasil e formataram inúmeras publicações do gênero. Por exemplo, Marina Maluf (1995, p. 190) assinala, na entrada do século XX, o hábito das famílias abastadas manterem a assinatura regular de vários periódicos estrangeiros — *The Delieator*, *L'Illustration*⁴⁰, *Review of review*, *Journal de la Jeunesse*, *Mon Journal*⁴¹, os quais nos possibilitariam melhor compreender a circulação das idéias, de hábitos e de atitudes e sua apropriação pelo público-leitor.

Notas

- 1 Este estudo integra o projeto de pesquisa de pós-doutoramento (CAPES) — A Educação no campo das relações Brasil-França. A viagem das idéias pedagógicas, das práticas educativas e escolares (1860-1900), junto ao Département de Mémoire de L'Éducation — SHE/INRP — Paris/França (12/1999-12/2000), sob a orientação de M. Pierre Caspard.
- 2 Vários estudos têm sido realizados visando analisar esta influência: BARBOSA, M. de Lima. *Os franceses na História do Brasil*. Rio de Janeiro: Briguet, 1923; FREYRE, Gilberto. *Um engenheiro francês no Brasil*. Tomo 1. Rio de Janeiro: José Olympio, 1960; ARAÚJO, Carlos da Silva. *L'Influence française sur la culture brésilienne, sur la pharmacie et sur la médecine en particulier*. Rio de Janeiro: Gráfica Olimpia Ed, 1973; CARELLI, Mário. *France-Brésil: cinq siècles de séduction*. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo, 1989; CARELLI, Mário; THÉRY, Hervé; ZANTMAN, Alain. *France-Brésil: bilan pour une relance*. Paris: Ed. Entente, 1987; CARELLI, Mário. *Cultures croisées. Histoire de échanges culturels entre la France et le Brésil de la Découverte aux Temps Modernes*. Paris: Nathan, 1993. 250 p. No campo das Ciências, ver: HAMBURGUER, Amélia I. e outros (org). *A Ciência nas relações Brasil-França (1850-1950)*. São Paulo: EDUSP; FAPESP, 1996.
- 3 Carelli (1993, p. 113) também afirma que “este período de decadência da monarquia brasileira e a instauração de uma ordem republicana foram preparados por uma longa maturação ideológica onde as principais referências são a França das Luzes, a Revolução Francesa e as correntes de pensamento em voga na Europa, especialmente o positivismo.
- 4 Na Biblioteca Nacional da França, existe a coleção completa, no total de 192 números em bom estado de conservação. Na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro foram localizados 108 números da revista.

- 5 Palhares-Burke (1998) afirma que a imprensa foi um poderoso instrumento do projeto iluminista de mudar idéias e maneiras das pessoas comuns. Essa função da imprensa é geralmente justificada pela ausência de outros agentes educativos, como leis e um sistema de educação pública.
- 6 Esse fenômeno também se observa em outros países, como, por exemplo, em Portugal, conforme análise de RIBEIRO, Maria Manuela T., *Livros e Leituras no século XIX*.
- 7 “No Brasil, em 1875, o número total de estabelecimentos de ensino primário e secundário era de 5.890, atendendo a 187.915 alunos. (...) Em comparação aos resultados da última estatística de 1872, no espaço de dois anos houve um aumento de 994 escolas e de 20.478 alunos” (BRASIL, 1876, pp.196-198).
- 8 A primeira revista feminina do Brasil data de 1827, com o título *O Espelho Diamantino – Periódico de política, literatura, Belas Artes, Teatro e Modas dedicado as senhoras brasileiras*, editada por Pierre Plancher. Seguiram-se outros periódicos femininos: *Espelho das Brasileiras* (Recife, 1831); *Jornal das Senhoras* (1852); *O Sexo Feminino* (Minas Gerais, 1872?); *A Família* (1888).
- 9 Na capital do Império, em 1875, são listadas as seguintes bibliotecas: Nacional, da Faculdade de Medicina, da Escola Politécnica, da Escola da Marinha, da Escola Militar, do Museu Nacional, da Direção geral de Estatística, da Academia de Belas Artes, do Instituto de Surdos-mudos, do Mosteiro de São Bento, do Convento de Santo Antonio e do Carmo, do Gabinete Português de Leitura, do Gabinete de Leitura Inglês, da Associação Germânia, do Instituto Histórico e Geográfico, da Sociedade Auxiliar à Indústria Nacional, da Sociedade Amante da Instrução, etc. Em todo o país, as bibliotecas são freqüentadas por 85.004 pessoas, o que significa 2,1% da população brasileira. (BRASIL, 1876, p.235-246)
- 10 Sobre bibliotecas, homens e livros, ver: BESSONE, Tania M., *Palácios de Destinos Cruzados. Bibliotecas, homens e livros no Rio de Janeiro (1870-1920)*. Neste livro, a autora chama a atenção para a necessidade de estudos sobre bibliotecas pessoais, domésticas ou profissionais, referências importantes para conhecer as ambições de seus proprietários, como indivíduos e como homens públicos.
- 11 Esta parte baseia-se no capítulo VIII – Baptiste Louis Garnier, em *O livro no Brasil (sua história)*, de Laurence HALLEWEL, pp. 126-150.
- 12 A Garnier Frères também expande o seu mercado editorial para publicações em língua espanhola, destinadas à Espanha, mas atingindo os países da América Latina. No estudo de Clara Brafman (1996), sobre os manuais escolares de leitura de origem francesa na Argentina, cita, na segunda metade do século XIX, a presença da *Garnier y Hermanos*, com a edição do célebre livro Juanito, de Luigi Alessandro Parravicini (nos anos de 1858, 1862, 1886, 1927); do livro *Cuentos de Schmidt*, de Chamoine Schmidt (1863-66, 1886).
- 13 Sobre a Garnier da França, ver o estudo de MOLLIER, Jean-Yves: *L'Argent et les Lettres. Histoire du Capitalisme d'Édition (1880-1920)*, pp. 235-247.
- 14 Para Mollier (1988, p. 238), a ida de B.L. Garnier para a América do Sul — Brasil — inscreve-se na possibilidade de impressão de livros obscenos, proibidos na França, os quais garantiram significativos recursos financeiros para a expansão do comércio livreiro dos Irmãos Garnier.

- 15 A grande popularidade do romance começou na Inglaterra com Scott e Radcliffe, mas tornou-se um gênero dominante, pelo menos no que concerne ao mercado de livros, na França no fim da década de trinta, com Balzac, Dumas pai, Alphonse Karr, Paul de Kock, Soulié e Eugène Sue. Sua expansão começou na França quando os jornais da época, excessivamente enfadonhos, começaram — por volta de 1827 — a depender das rendas proporcionadas pela publicidade e viram-se forçados, em consequência, a empenhar-se numa guerra para ampliar a circulação. A solução adotada foi de buscar leitores com o *roman-feuilleton*, ou ficção em série. A *Revue de Paris* introduziu essa ideia, no fim da década de 1820; porém, só se tornou uma prática generalizada por volta de 1836 (HALLEWEL, 1985, pp. 126-127).
- 16 Tipo de publicação na forma de folhetim com enredos melodramáticos, com cada parte planejada para terminar de forma a deixar o leitor aguardando ansiosamente a continuação.
- 17 Justiniano José da Rocha (1812-1862) publica *Os assassinos misteriosos ou a Paixão dos diamantes*, novela histórica (1839); *Coleção de fábulas imitadas de Esopo e de La Fontaine* (1852); *O paria e a sociedade brasileira*, novela.
- 18 Para Hallelwel, os folhetins jamais desapareceram completamente no Brasil. Alguns autores do século XX — Olavo Bilac, Medeiros e Albuquerque, Coelho Neto, Lima Barreto, Rachel de Queiroz, Dinah Silveira de Queiroz — escreveram neste gênero suas obras, para depois as terem publicada em livro.
- 19 B.L. Garnier também edita autores ingleses, especialmente todas as obras de Samuel Smiles, que tiveram grande repercussão na época. Sobre Samuel Smiles, ver: BASTOS, M.H.C. *Leituras da ilustração brasileira: Samuel Smiles* (1812-1904). Ícone. V. 6, n.1, jan-jun. 2000. pp. 117-134.
- 20 O principal autor de livros didáticos publicados pela Garnier foi Felisberto Rodrigues Pereira de Carvalho.
- 21 Sobre este período da Garnier no Brasil (1893-1944), consultar HALLEWEL, Laurence. *O livro no Brasil (sua história)*. Cap. X
- 22 Esta revista insere-se no movimento da *imprensa romântica* no Brasil, *marcado pela proliferação de revistas literárias, como: Niterói* (1836); *Minerva Brasileira* (1843-1845); *Guanabara* (1851-1855), *Marmota, Espelho, Estação e diversas outras*. (MAURO, 1991, p. 223) *Sobre a Revista Popular*, ver MARTINS, Wilson. *História da Inteligência Brasileira*. Vol. III, p. 112-116.
- 23 “Entre seus quarenta redactores estavam os maiores nomes da literatura e da política brasileira. A revista publicava crônicas mundanas, mas grande parte dela tinha um conteúdo muito sério, destinado à pessoas cultas” (MAURO, 1991, p. 223).
- 24 Elisée Reclus assinala que “por ocasião do recenseamento de 1872, calculou-se que em 100 indivíduos havia 23 homens e 13 mulheres que sabiam ler; além disso, só um negro entre 1000 conhecia o alfabeto”. RECLUS, Élisée. *Estados Unidos do Brasil. Geografia, Etnografia, Estatística*. p. 454; PALHARES-BURKE, Maria L. op. cit. p. 150.
- 25 Aos nossos leitores. *Jornal das famílias*. T. I, n.1, pp. 5-6, jan. 1863.
- 26 Também a Livraria Laemmert (1848-1902) trabalhava com jornais e revistas importados. De 1871 a 1879, edita um suplemento em português para acompanhar um de seus principais periódicos importados, a revista francesa *La Saison*. *Journal*

illustrée de dames. Em 1879, começa a publicar a sua própria revista, com o título *A Estação*, que se destaca pelo suplemento literário — publica um número apreciável de colaborações de Machado de Assis. (HALLEWEL, 1985, p. 251). Sodré (1999) cita também, nessa época, o *Jornal das Moças Solteiras*, *Correio das Damas*.

- 27 Para se ter uma idéia da variedade de anexos que compunham a seção *modas e trabalhos*, citaremos alguns deles: o número 1, de janeiro de 1865, trazia figurinos de modas; estampa de roupas feitas (capotes); estampa dobrada de desenhos e bordados; estampa dobrada de moldes; estampa de trabalhos em ouro e cor; duas árias para canto e piano. O primeiro número de 1868 tinha como anexos figurino de modas (colorido); estampa dobrada de bordados; estampa dobrada de moldes; molde cortado de tamanho natural; estampa de tapeçaria colorida; polka-mazurka, melodia, valsa (música para piano); aquarela (paisagem).
- 28 Hallewel afirma que Garnier foi o primeiro a introduzir preços fixos de capa, com base na teoria de que todo livro tinha seu próprio e limitado mercado. Creio que, para a revista, esta posição também se aplicava.
- 29 No livro *"L'Empire du Brésil à l'Exposition Universelle de 1876 à Philadelphie"* (1876, pp. 247-263), no capítulo dedicado à imprensa, constam as tiragens dos principais periódicos do Rio de Janeiro: *Jornal do Comércio* — 15.000 exemplares diários; *Diário do Rio de Janeiro* — 5.000 exemplares diários; *Nação* — 1.200 exemplares diários; *Gazeta de Notícias* — 12.000 a 18.000 exemplares diários.
- 30 No jornal RioGrandense, de 8 de outubro de 1867, aparece o anúncio da *Livraria da Madame Viúva*, com a seguinte mensagem aos leitores: "*Acaba de abrir uma Livraria na rua de Bragança junto à Florista, onde o ilustrado público desta cidade encontrará sortimento de livros clássicos, de medicina, sciências, artes, literatura, novelas, ilustrações, educação, devoção, atlas, mapas geográficos, tanto em francês, português, inglês, italianos e alemão. (...) Recebem-se na mesma livraria assinaturas para o Jornal das Famílias, assim como para todas as revistas e jornais literários, científicos e artísticos*".
- 31 Em janeiro de 1874, o *Extrato do catálogo da Livraria B. L. Garnier* destaca as obras de J. M. Macedo; J. M. Pereira da Silva; J. Norberto de Souza e Silva; Machado de Assis; Fausto; José de Alencar; Senio; L. Guimarães Jr; A. Belot; Edmond About; Octavio Feuillet; Rozendo Moniz; Ponson Terrail; Bernardo Guimarães.
- 32 Para Frédéric Mauro (1991, pp. 224-25), a partir de 1840, assiste-se à fusão entre a imprensa e a literatura, com o triunfo do jornalismo conservador, que servia aos interesses dos barões do Império, e que se manteve até as vésperas da proclamação da República. O processo era o seguinte: a literatura conduzia ao jornalismo, e este à política. Esta última exigia que os seus adeptos fossem oradores. No final, portanto, as pessoas eram as quatro coisas ao mesmo tempo: letradas, jornalistas, políticas, oradoras. Era a imprensa romântica, marcada pela proliferação de muitas revistas literárias, (...) com forte influência francesa, tanto no conteúdo como nas técnicas de impressão.
- 33 Além de ser redatora dessas duas seções, Paulina Philadelphia assina a tradução do romance *Dolores*, publicado em 18 capítulos, entre novembro de 1865 a junho de 1868; e publica dois textos de sua autoria — *Jovens interessantes* e *A vaidade corrigida*.

- 34 O uso de pseudônimo, tanto na seção *romances e novelas* como na seção *poesia*, permite-nos aventar a hipótese de que o autor era uma figura política, que não gostaria de se expor totalmente em uma aventura literária. Os poetas utilizam-se deste artifício, quando têm de atuar em outros gêneros literários considerados menores — contos, novelas, mexericos.
- 35 PAIXÃO, Fernando (coord.) *Momentos do livro no Brasil*. p. 22. No Dicionário biobibliográfico de Victor Brinches, consta que escrevia com o pseudônimo de *Malvólio* as crônicas “Gazetas de Holanda”. p. 416.
- 36 Para Sandra Pesavento (1996, p. 91), «o leitor deve saber ler a representação de vida que o romance folhetim oferece. A vida cotidiana, os problemas, os valores e as sensações de uma época».
- 37 Sobre a literatura e educação, ver FREITAG, Bárbara. *O Indivíduo em formação*.
- 38 Em 1875, Honorata M. Carneiro publica em livro o poema “A Redenção”.
- 39 Nuno Alvares Pereira e Souza (1836). Publica as obras: *Folhas soltas* (1860); *O menino endiabrado* (Biblioteca infantil, 1870)
- 40 Este periódico começa a ser publicado na França, em março de 1843, sendo editado por cento e dois anos (1845), perfazendo um total de 5.291 números. Foi o primeiro jornal ilustrado do mundo — um magazine de luxo, destinado à elite. Foi leitura freqüente em algumas famílias brasileiras, como podemos verificar nos diários de Cecília Assis Brasil (1916-1928) e no livro de memórias — *Solo de Clarineta*, de Érico Veríssimo. Sobre a história do *L'illustration*, ver: MARCHANDIEU, Jean-Noël. *L'illustration 1843-1944. Vie et mort d'un journal*.
- 41 “Era em uma ponta da mesa da sala de jantar que Brazilia trabalhava, já que a outra estava reservada para o “bom irmão” Asdrubal ler a coleção lindamente encadernada do “Mon Journal” (1881-1925, editado pela Hachette), presente do pai” (MALUF, 1995, p. 290).

Referências

- AZEVEDO, C. D. (1976). *Jornal das Famílias. Contribution à l'étude de la presse féminine brésilienne XIX siècle*. Paris: Université Paris I, (Mémoire de maitrise).
- BASTOS, M. H. C. (2000). O diário de Cecília de Assis Brasil (1916-1928): práticas de leitura de uma moça gaúcha. In: MIGNOT, A. C.; BASTOS, M.H.C.; CUNHA, M.T.S. (org) *Refúgios do Eu. Educação, história, escrita autobiográfica*. Florianópolis: Editora das Mulheres.
- BASTOS, M. H.C. e CUNHA, M.T.S. (2000). Olhai o que o tempo não levou. A Literatura de Erico Verissimo. In: GONÇALVES, Robson Pereira (org). *O Tempo e o Vento — 50 anos*. Santa Maria/RS: UFSM; Bauru/SP: EDUSC. P. 181-197.
- BASTOS, M. H. C. (2000). Leituras da ilustração brasileira: Samuel Smiles (1812-1904). *Ícone*, UNIT/Uberlândia, v.6, n.1, jan/jul. pp.117-134.
- BENJAMIN, Walter (1987). *Obras escolhidas — Magia e Técnica, Arte e Política*. São Paulo : Brasiliense.

- BESSONE, Tania M. (1999). *Palácios de Destínos Cruzados. Bibliotecas, homens e livros no Rio de Janeiro (1870-1920)*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional.
- BRAFMAN, Clara (1996). Les Manuels Scolaires de Lecture d'origine française en Argentine dans la deuxième moitié du XIX siècle. *Revue Histoire de l'éducation*. Paris, n. 69, janvier. pp. 63-80.
- BRASIL (1876). *L'Empire du Brésil à l'Exposition Universelle de 1876 à Philadelphie*. Rio de Janeiro : Tipografia e Litografia do Imperial Instituto Artísitico.
- BRINCHES, Victor (1965). *Dicionário bibliográfico luso-brasileiro. Brasil-Portugal*: Fundo de Cultura.
- BUISSON, F. (1911). *Nouveau Dictionnaire de Pédagogie et d'Instruction Publique*. Paris: Hachette.
- CARELLI, Mário; THÉRY, Hervé; ZANTMAN, Alain (1987). *France-Brésil: bilan pour une relance*. Paris : Ed. Entente.
- CARELLI, Mário (1993). *Cultures croisées. Histoire de échanges culturels entre la France et le Brésil de la Découverte aux Temps Modernes*. Paris: Nathan.
- CASANOVA, Vera (1996). *Lições de Almanaque — um estudo semiótico*. Belo Horizonte : UFMG.
- CHARLE, Christophe (1999). Paris Métropole Culturelle. Essai de comparaison avec Berlin (1880-1920). *Mélange de l'École Française de Rome. Italie et Méditerranée*. Roma, t. III, n. 1, pp. 455-476.
- CHARTIER, Anne-Marie (2000). L'enseignement de la lecture: une approche historique. IN: NUNES, T. and BRYAND, P. *Handbook of children's literacy*. Londres: Kluwer Academish Publishers (no prelo).
- CHARTIER, Roger et MARTIN, Henri-Jean (dir) (1990). *Histoire de l'édition française*. Tomo III. Les Temps des éditeurs. Du romantisme à la Belle Époque. Paris : Fayard/Cercle de la Librairie.
- FREITAG, Bárbara (1994). *O Indivíduo em formação*. São Paulo: Cortez.
- FREYRE, Gilberto (1960). *Um engenheiro francês no Brasil*. Tomo 1. Rio de Janeiro : José Olympio.
- FORD, Jeremiah, WHITTEM, Arthur, RAPHAEL, Maxwell (1931). *A Tentative bibliography of Brazilian Belles-Lettres*. Cambridge: Harvard University Press.
- FOSTER, David W. e RELA, Walter (1990). *Brazilian Literature. A Research Bibliography*. New York/London : Garland Publishing.
- GESTIN, Daniel (1998). *Scènes de lecture: le jeune lecteur en France dans la première moitié du XIX siècle*. Rennes: PUR.
- HALLEWEL, Laurence (1985). *O livro no Brasil (sua história)*. São Paulo: T.A. Queiroz/EDUSP.
- LAJOLO, Marisa e ZILBERMAN, Regina (1996). *A formação da Leitura no Brasil*. São Paulo : Ática.
- LEENHARDT, Jacques e PESAVENTO, Sandra J. (org) (1998). *Discurso Histórico e Narrativa Literária*. Campinas : Unicamp.

- LIMA-BARBOSA, Mário de (1923). *Les français dans l'histoire du Brésil*. Rio de Janeiro/Paris (s/ed.).
- LYONS, Martyn (1997). Les nouveaux lecteurs au XIX siècle. Femmes, enfants, ouvriers. In: CAVALLO, Guglielmo et CHARTIER, Roger (dir). *Histoire de la lecture dans le monde occidental*. Paris: Seuil, pp. 365-400.
- LYONS, Martin e LEAHY, Cyana (1999). *A Palavra Impressa*. Histórias da leitura no século XIX. Rio de Janeiro : Casa da Palavra.
- LOPES, Cláudia Neves (1998). Les relations éditoriales entre le Brésil et le Portugal: la place du livre et de l'édition dans le processus de colonisation et de décolonisation culturelle. Paris: Université ParisVII (Thèse sur la direction de J. Piel).
- MALUF, Mariana (1995). *Ruídos da Memória*. São Paulo: Siciliano.
- MANGUEL, Alberto (1997). *Uma História da leitura*. São Paulo: Cia das Letras.
- MARCHANDIEU, Jean-Noël (1987). *L'illustration 1843-1944. Vie et mort d'un journal*. Toulouse: Ed. Privat.
- MARTINS, Wilson (1978). *História da Inteligência Brasileira*. São Paulo: Cutrix/EDUSP. Vol III
- MAUGER, ; POLIAK, Claude ; PUDAL, B. (1999). *Histoire de lectures*. Paris: Nathan.
- MAURO, Frédéric (1991). *O Brasil no tempo de Dom Pedro II*. São Paulo: Cia das Letras.
- MOLLIER, Jean-Yves (1988). *L'Argent et les Lettres. Histoire du capitalisme d'édition (1880-1920)*. Paris: Fayard.
- MORAIS, Maria Arisnete Câmara de (1998). A Leitura de romances no século XIX. *Cadernos Cedes*, ano XIX, n. 45, julho. pp. 71-85
- ORLANDI, Eni P. (org) (1993). *Discurso Fundador. A formação do país e a construção da identidade nacional*. São Paulo: Pontes.
- PALHARES-BURKE, Maria Lúcia G. (1998). A Imprensa periódica como uma empresa educativa no século XIX. *Cadernos de Pesquisa*. FCG. São Paulo, n.104, pp. 144-161.
- PAIXÃO, Fernando (coord) (1998). *Momentos do livro no Brasil*. São Paulo: Ática.
- PESAVENTO, Sandra J. (1996). Chronique: une lecture sensible du temps. In: MATTOSO, Kátia de Queiros (dir) *Littérature/Histoire. Regards croisés*. Paris: Presses de l'Université de Paris-Sorbonne. pp. 91-101.
- POULAIN, Martine (1990). Scènes de lecture dans la peinture, la photographie, l'affiche de 1881 à 1989. in: CHARTIER, Anne-Marie et Hébrard, Jean. *Discours sur la lecture (1880-1980)*. Paris: BPI – Centre Georges Pompidou. pp. 427-463.
- PRADO, Maria Lígia Coelho (1999). *América Latina no século XIX*. Tramas, Telas e Textos. São Paulo : EDUSC/EDUSP.
- RECLUS, Élisée (1900). *Estados Unidos do Brasil. Geografia, Etnografia, Estatística*. Trad. B.F. Ramiz Galvão. Rio de Janeiro: H. Garnier.
- RIBEIRO, Analucia Teixeira (2000). O escrever e o ler: prática da letra e desejo em prática. *Revista A Prática da Letra*. Escola Letra Freudiana/Rio de Janeiro, n. 26.

- RIBEIRO, Maria Manuela T. (1999). Livros e Leituras no século XIX. *Revista História das Idéias — O Livro e a Leitura*. Faculdade de Letras/Universidade de Coimbra. Coimbra, vol. 20. pp. 187-227.
- RIBEIRO, Marcus Venício Toledo (1998). Na Biblioteconomia, modelo e madrinha. *Revista Abigraf*. São Paulo, pp. 4-9, março.
- RIBEIRO Filho, J. S. (1965). *Dicionário bibliográfico de escritores cariocas (1565-1965)*. Rio de Janeiro : Livraria Brasileira.
- SAUVY, Anne (1990). Une littérature pour les femmes. In: CHARTIER, Roger et MARTIN, Henri-Jean (dir) *Histoire de l'édition française. Tomo III. Les Temps des éditeurs. Du romantisme à la Belle Époque*. Paris: Fayard/Cercle de la Librairie. pp. 496-508.
- SCHWARZ, Roberto. *Um mestre na periferia do capitalismo: Machado de Assis*. São Paulo: Editora 34.
- SODRÉ, Nelson Werneck (1999). *História da Imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro: MAUAD, 4. edição.
- SULLEROT, Evelyne (1963). *La Presse Féminine*. Paris: Armand Colin.
- THIERCÉ, Agnès (1999). *Histoire de l'adolescence (1850-1914)*. Paris: Belin.
- THIESSE, Anne-Marie (1984). *Le Roman du quotidien. Lecteurs et lectures populaires a la Belle Époque*. Paris: Le Chemin Vert.
- WATELET, Jean (1990). La presse illustrée. IN: CHARTIER, Roger et MARTIN, Henri-Jean (dir) *Histoire de l'édition française. Tome III. Les Temps des éditeurs. Du romantisme à la Belle Époque*. Paris: Fayard/Cercle de la Librairie, pp. 377-389
- WERNECK, Humberto (2000). *A Revista no Brasil*. São Paulo: Editora Abril.

READINGS OF THE BRAZILIAN FAMILY DURING THE 19TH CENTURY: THE JORNAL DAS FAMÍLIAS (1863-1871)

Abstract

This study analyzes the publication *Jornal das Famílias*, which was released to the Brazilian press by Garnier. Publications such as magazines, newspapers, and bulletins are a vehicle for ideas and messages more than just a consume product. By telling the story of this specific publication we are also telling the story of the dissemination of ideas, reading habits, tastes, and preferences. It is also possible to analyse the pedagogical and educative processes presented in its discursive corpus. Such discourse allows the formation of other discourses that echo and reverberate their effects on the

daily life, on the daily reconstruction of social bonds and on the reader's identity also building and homogenizing the memory of a specific time. It is of our interest the historicity of such discursive processes which intended to forge the Brazilian woman on the second half of the 19th century. We intend to analyse the privileged knowledge of the *Brazilian families*.

LECTURES DES FAMILLES BRÉSILIENNES DANS LE XIX^{ÈME} SIÈCLE: LE JORNAL DAS FAMÍLIAS (1863-1871)

Résumé

L'étude analyse le *Jornal das Famílias*, édité par Garnier au Brésil. Les périodiques — revues, journaux, bulletins — en outre d'être un produit de consommation, ce sont surtout un véhicule d'idées et messages. Faire l'histoire de cette revue c'est aussi faire l'histoire de la propagation d'idées, d'habitudes de lecture, des goûts et de préférences littéraires. A travers cette publication c'est possible l'analyse du processus éducatif et pédagogique dans le *corpus* discursif. C'est un discours qui permet la formation d'autres discours, énoncés qui répercutent et retentissent des idées dans le jour, dans la reconstruction quotidienne des liens sociaux, dans l'identité de lecteur/lectrice, qui tissent et homogénéisent la mémoire d'une époque. Le but de cette étude c'est l'histoire des processus discursifs destinés à forger la femme brésilienne, dans la seconde moitié du XIX^{ème} siècle. Dans cette perspective, on prétend d'analyser les savoirs privilégiés destinés aux *familles brésiliennes*.